



Conversa com escritores:
Leitura da Arte
& Arte da Leitura





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rui Getúlio Soares

Reitor

Eliane Lucia Colussi

Vice-Reitora de Graduação

Hugo Tourinho Filho

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Adil de Oliveira Pacheco

Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Nelson Germano Beck

Vice-Reitor Administrativo

Neusa M. H. Rocha

Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

UPF Editora

Simone Meredith Scheffer Basso

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Augusto Nienow

Altair Alberto Fávero

Ana Carolina B. de Marchi

Andrea Poletto Oltramari

Angelo Vítório Cenci

Cláudio Almir Dalbosco

Cleiton Chiamonti Bona

Edson Machado Cechin

Graciela René Ormezzano

Luis Felipe Jochins Schneider

Renata H. Tagliari

Sergio Machado Porto

Zacarias M. Chamberlain Pravia



Tania M. K. Rösing
Paulo Becker
Eliana Teixeira
(Org.)

Conversa com escritores: Leitura da Arte & Arte da Leitura

Universidade de Passo Fundo
2009



UPF
Editora
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Copyright © Editora Universitária

Maria Emílse Lucatelli

Editoria de Texto

Sabino Gallon

Revisão de Emendas

Alisson Gampert Spannenberg

Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva

Editoração e Composição Eletrônica

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, bem como as imagens, tabelas, quadros e figuras, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C766 Conversa com escritores : leitura da arte & arte da leitura / Tania M.K. Rösing, Paulo Becker, Eliana Teixeira (org.). – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
158 p. : il. ; 21 cm.

1. Leitura. 2. Livros e leitura. 3. Literatura e tecnologia. 4. Atividades criativas. 5. Jornadinha Nacional de Literatura. I. Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker, coord. II. Becker, Paulo, coord. III. Teixeira, Eliana, coord.

CDU: 82:028

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

ISBN – 978-85-7515-690-2

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Caravana da ilusão

Letra: Paulo Becker

Música: Pedro Almeida

Estavam todos vivendo
E não se sentiam vivos
Até chegar à cidade
A caravana de artistas.

Os palhaços vêm à frente
Abre-alas da alegria
E entre papos e sopapos
Fazem toda a gente rir.

Vêm os músicos em bando
A tirar nos instrumentos
Melodias impossíveis
E todos vibram por dentro.

Vêm pintores retratistas
A pintar em suas telas
A alma por trás das faces
E a alma é sempre mais bela.

O que seria de nós
Sem a magia da arte
Sem a ilusão que revela
As mais secretas verdades?
O que seria de nós
Sem a magia da arte
Sem a beleza que empresta
Asas pra felicidade?

Vêm poetas a ensinar
O idioma das estrelas
E noite adentro à janela
Todos conversam com elas.

Vêm escultores armados
Com seus cinzeis e martelos
A esculpir sonhos na pedra
E todos sonham-se eternos.

E vêm modernos cineastas
A fixar em celulóide
A vida de toda gente
E todos sentem-se heróis.

O que seria de nós
Sem a magia da arte
Sem a ilusão que revela
As mais secretas verdades?
O que seria de nós
Sem a magia da arte
Sem a beleza que empresta
Asas pra felicidade?

Sumário

Apresentação	9
Abertura da Jornadinha.....	13
Tania M. K. Rösing	15
Jalila Patussi	16
Cléa Bernadéte Silveira Netto Nunes	16
Maria Salete Telles	17
Alcides Guareschi	17
Conversa com escritores.....	19
Sergio Capparelli	21
Gali-Leu	21
Lia Zatz	28
Marcelo Xavier.....	30
André Neves	35
Luciana Savaget.....	37
Elizete Lisboa	39
Elisa da Silva e Cunha.....	42
Leo Cunha	43
Márcio Vassallo.....	45
Carla Caruso.....	52
Rubens Matuck.....	53
Katia Canton	56
Ziraldo	59
Marina Colasanti.....	63
Heloisa Prieto	66
Domingos Pellegrini.....	69
Leusa Araújo.....	73

Nilma Lacerda.....	75
Meshack Asare	76
Luís Dill	80
Elisa Lucinda	81
José Roberto Torero	83
Spacca	88
Letícia Wierzchowski	89
Roseli Ventrella.....	90
Ferréz	96
Dionisio Jacob	99
Santiago Nazarian	102
Registro iconográfico.....	105
Registro da imprensa e internet	127
Dados gerais da 4 ^a Jornadinha Nacional de Literatura	143



Apresentação

Os índices de leitura no Brasil têm se elevado especialmente no que diz respeito ao envolvimento dos jovens em meio eletrônico: ao navegar na internet, frequentam *blogs* onde leem mensagens, escrevem sobre seu conteúdo, elaboram comentários críticos numa linguagem codificada. Sentem-se à vontade especialmente ao alimentar suas participações em comunidades de relacionamento com outros indivíduos da mesma faixa etária, sensibilizados por interesses coincidentes, por necessidades emergentes do seu tempo, utilizando ferramentas que ampliam a interatividade entre pessoas e a navegação em mundos virtuais de distintas naturezas. Demonstram entusiasmo e competência ao revelar domínio do computador, do celular, do mp3, da televisão, todos ao mesmo tempo. Caracterizam-se, portanto, por uma atenção superficial, ampla, ao mesmo tempo, capaz de se apropriarem dos diferentes conteúdos com os quais mantêm uma interação em suas vivências cotidianas.

As Jornadas Literárias de Passo Fundo, com especial atenção à Jornadinha, destinada a crianças e jovens, têm oferecido a oportunidade a esse público de entrar em contato com livros produzidos por importantes escritores contemporâneos. Estes circulam na literatura, na publicidade, no teatro, mantêm *blogs*, tudo para ampliar não ape-

nas o diálogo com os leitores de suas obras, mas também para despertar a curiosidade desse público em conhecer as peculiaridades da natureza humana, expressar visões de mundo diversificadas, manter contato com outras obras que empregam recursos originais em sua estrutura, inclusive utilizando linguagens de domínio do jovem, abordando assuntos que são de seu interesse.

É função da universidade preparar mediadores de leitura – professores de sala de aula, professores responsáveis por bibliotecas, bibliotecários, agentes culturais – no sentido de que ampliem sua motivação pelo ato de ler e o seu entusiasmo pela difusão de notícias sobre importantes materiais de leitura plenos de inovação entre as pessoas com as quais convivem dentro e fora da escola. Em vista disso, ao escolher, na quarta edição da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura, o tema “leitura da arte e arte da leitura como foco das discussões”, desejou-se chamar a atenção de todos os participantes sobre a ampliação do significado da atividade de leitura, demonstrando a riqueza que emana das linguagens artísticas, ao lado do processo de significação de livros especialmente selecionados para alimentar o debate em torno desse importante tema.

As inovações tecnológicas têm permitido uma aproximação de todas as camadas da sociedade de manifestações artístico-culturais tradicionalmente reservadas aos representantes das camadas mais privilegiadas social, cultural e economicamente. A homenagem especial feita ao ilustrador Rui de Oliveira foi a demonstração clara da importância da preparação dos leitores para que se envolvam, valorizem e se apropriem dessas manifestações no processo de construção do seu interior e de sua cidadania. É necessário desenvolver uma sensibilidade estética capaz de ampliar



as competências de leitura de mundo das crianças, dos jovens e dos adultos, uma vez que o contexto em que se vive surpreende a cada um e a todos a cada momento em razão da emergência de inovações em todas as áreas.

A Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal têm realizado um esforço ímpar desde 2001 para proporcionar a professores e alunos as Jornadinhas Nacionais de Literatura, uma movimentação cultural que objetiva a dinamização da leitura numa perspectiva multimídia entre crianças, pré-adolescentes e jovens, desenvolvendo um trabalho conjunto com escolas dos diferentes sistemas de ensino, estimulando professores e alunos para a leitura. A responsabilidade dessas duas instituições pode ser constatada também pelo cuidado com a preparação desses participantes por intermédio da Pré-Jornadinha – vivências de leitura antecipadas para preparar cada leitor e estimular cada um e todos a desenvolverem um diálogo profícuo com os escritores convidados. A oferta do Caderno de Atividades com opções de práticas leitoras multimídiais realizadas sobre um dos livros de cada autor convidado complementa essa preparação, subsidiando professores e alunos.

Os encontros entre crianças, jovens e adultos no Circo da Cultura com escritores, contadores de histórias, artistas convidados estenderam-se às quatro lonas coloridas e às salas de teatro e de shows musicais, às experiências de navegação em computadores, além da visitação à feira do livro e ao espaço da sessão de autógrafos, momento singular do encontro entre o leitor-obra-autor.

Um público de mais de dezessete mil pessoas, entre inscritos e não inscritos, prestigiou as múltiplas ações da 4ª Jornadinha no âmbito da programação oficial e das atividades paralelas, demonstrando entusiasmo dos profes-



sores no estímulo a seus alunos para continuarem participando dessa movimentação cultural, garante a formação de um leitor para toda a vida. Mais uma vez, é preciso relatar a surpresa de cada escritor com o nível das perguntas feitas pelos alunos, que foram cuidadosamente preparados por seus professores em diferentes tipos de escolas, pertencentes a distintos sistemas de ensino, através da leitura individual, do debate sobre o conteúdo dos livros, do compartilhamento de suas experiências com base nessas leituras, atividades iluminadas pelo tema “Leitura da arte & arte da leitura”.

O momento também deve se caracterizar como elogio e agradecimento aos dirigentes das escolas, aos secretários municipais de Educação e de Cultura, aos prefeitos, aos coordenadores regionais de educação que se empenharam na aquisição de livros indicados para os participantes desta edição da Jornadinha, possibilitando o envolvimento de crianças, jovens e adultos com materiais de leitura da melhor qualidade.

O conteúdo desta obra sintetiza a grandiosidade em que se constituiu a 4ª Jornadinha Nacional de Literatura.

Os organizadores





Abertura
da
Jornadinha



Tania M. K. Rösing

Estamos muito felizes com a presença de todos vocês, que acolheram o convite da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal para estarem aqui junto com os escritores cujas obras vocês leram. Nós queremos agradecer a vocês e a todos os professores que trabalharam com essas leituras, o que é muito legal. Esta Jornadinha vai ser fantástica, e eu lembro a vocês que nós temos várias formas de manifestar o nosso desejo de cada vez sermos mais leitores. Neste ano vamos lembrar um grito de guerra que é dito nas partidas de futebol, em que as pessoas cantam assim: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho no coração.” Mas não vamos dizer somente eu sou brasileiro, e, sim, eu sou leitor brasileiro. Vamos lá: “Eu sou leitor brasileiro, com muito orgulho no coração!” De outras Jornadinhas nós temos um outro grito de guerra. Vamos lá: “Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos mais leitores no Brasil!” Estamos muito felizes aqui com a presença da Natália e do gato Gali-Leu, do programa *Mundo da Leitura*, transmitido quatro vezes por semana, no Canal Futura, para todo Brasil e que ganhou pela terceira vez o troféu Galgo de Ouro no Festival de Gramado. Então, Gali-Leu e seu grupo estão de parabéns. Vamos lembrar a equipe toda da UPF TV, que contribui com a realização do programa, e os demais artistas que participam. Boa jornadinha a todos!

Jalila Patussi

Na pessoa da professora Tania Rösing, queremos cumprimentar todos os participantes desta Jornadinha. A Prefeitura Municipal de Passo Fundo sente-se, com certeza, honrada e também muito feliz em poder ser parceira da Universidade de Passo Fundo neste espetáculo. Sabemos que estão aqui muitas crianças, inclusive algumas que acordaram às cinco e meia e pegaram o seu ônibus para chegar aqui. Para nós é uma satisfação ímpar, porque não há lugar específico para que sejamos felizes, mas há, com certeza, alguns espetáculos que não podemos perder, como este da Jornadinha, que é inteiramente oferecida e preparada para vocês. A Prefeitura agradece a presença de todos vocês e aguarda-os daqui a dois anos novamente.

Cléa Bernadete Silveira Netto Nunes

Quero que vocês olhem bem nos meus olhos para poderem sentir a alegria, o carinho e todo o afeto que a Universidade de Passo Fundo tem por vocês, especialmente através da professora Tania, que traz todos vocês aqui, que nos alegram tanto, o que nos leva a acreditar que as crianças hoje são o futuro, que vocês têm sonhos e que a alegria de vocês faz com que a gente tenha novas energias. Um abraço muito carinhoso. A UPF se sente honrada e parabeniza o trabalho, mas especialmente reconhece o acolhimento, a resposta e quer valorizar e reconhecer publicamente que os educadores são a mola mestra do desenvolvimento. Agradecemos aos educadores, porque estas crianças são um livro aberto que vocês ajudam a escrever e esperamos que sejam páginas coloridas, páginas de amor e, certamente, páginas de conhecimento. Um beijo para todas essas



crianças lindas. Agradeço por estar aqui, por estar sentindo esta energia, e desejo a todos que se repita esta Jornada, este acontecimento, e que as pessoas sejam sensíveis para que possamos realmente propagar a literatura e a arte.

Maria Salette Telles

Saudando a professora Tania Rösing, saúdo a todas as demais pessoas que aqui se encontram e, especialmente, aos estudantes, que mais uma vez dão um colorido especial a esta Jornadinha. Eu trago a mensagem do Executivo, no sentido de que vocês aproveitem ao máximo este momento, porque, na verdade, nós estamos celebrando a arte e a leitura nesta Jornadinha. Portanto, é um momento muito especial, do qual, com certeza, vocês sentirão saudades ao terminar. Por isso, daqui a dois anos todos estarão novamente aqui, pensando, sentindo, meditando compartilhadamente com os nossos escritores. A todos vocês uma boa Jornada.

Alcídes Guareschi

Como secretário de Educação do município de Passo Fundo, quero saudar cada um e cada uma de vocês. Saudar os diretores, os professores das escolas e todos os escritores que estão presentes em Passo Fundo. Vou fazer uma pergunta: Quem de vocês nesta semana leu um livro, um jornal ou uma revista? Parabéns a vocês, porque vejo que um grande número leu durante esta semana. Todo estudante tem o direito de ler, ninguém tira de nós este direito. Mas mais do que um direito, ler é sempre uma grande alegria, é sempre um grande prazer. Por isso vamos ler sempre.





Conversa
com
escritores





Sergio Capparelli – Eu me chamo Sergio Capparelli. Fui à China, onde fiquei dois anos e pouco. Então, vou contar duas histórias chinesas para vocês e, depois, declamar três poemas. Quando estava na China, conheci uma brasileira, com quem traduzi fábulas chinesas para o português. Então, vou contar uma dessas fábulas, que são um pouco diferentes daquelas que estamos acostumados a ouvir, como esta, que tem mais de dois mil anos. No reino de Son existia um agricultor que tinha uma árvore na sua propriedade, no entanto esse camponês não gostava muito de trabalhar. Um dia ele estava arando a terra para plantar e parou para descansar. Então, viu um coelho correndo muito, tanto que bateu numa árvore, quebrou o pescoço e morreu. O agricultor, feliz da vida, pensou que, mesmo sem trabalhar, tinha como fazer o seu almoço; por isso, a partir daí, decidiu não trabalhar mesmo. Então, todos os dias ele passava embaixo da árvore e esperava que um outro coelho viesse correndo na direção da árvore, batesse a cabeça e morresse. Assim, não precisaria nunca mais trabalhar e teria sempre o que comer. A fábula é uma história em que



geralmente, como no Brasil, um animal fala. Nesta fábula, no entanto, o bicho, o coelho, não fala. É o agricultor que, enquanto espera o coelho, diz o seguinte: uma boa oportunidade deve ser aproveitada, contudo não se pode ficar de braços cruzados esperando pela sorte. Mas no momento em que eu contava a fábula para vocês me lembrei de uma história, esta do Brasil e que aconteceu comigo. Ontem, quando uma pessoa de São Paulo, Gabriel Chalitta, falava aqui na Jornada sobre o seu pai, me lembrei do meu pai e vou contar agora o que aconteceu comigo há mais de quarenta anos. Eu sou de Uberlândia, Minas Gerais. Um dia meu pai, minha mãe e minha irmã, Lúcia, abandonamos a roça e fomos para a cidade. Lá ficamos contentes, porque tinha televisão, podíamos passear, víamos luzes que não havia onde antes morávamos. Aliás, lá onde morávamos nós passávamos até fome, pois quase não tínhamos o que comer. Na cidade, meu pai pegou uma pastinha que havia ganhado e na qual estava escrito “Odontologia Universidade Federal de Minas Gerais”. Ele saía todos os dias para trabalhar, mas não conseguia emprego. E minha mãe falou: “Acho que na roça era melhor. Por que você teve a ideia de vir para a cidade?” Então, ela começou a plantar alface e tomates, e a partir daí começamos a comer. Ela fazia sopas, umas sopas muito gostosas. Passou um tempo, houve uma seca e nada crescia naquela horta, nada. Minha mãe falou novamente que não deveríamos ter vindo para a cidade. Mas meu pai falou que deveríamos tentar mais um pouco. Era tempo de pandorga, tempo de papagaio, tempo de pipa. Meu pai, de uma hora para outra, começou a conversar sobre como se soltava papagaio, prestava atenção nos meninos que soltavam e faziam papagaios, pipas. Passou um tempo, parecia meio doido o meu pai, pois entrava no



quarto e tentava fazer pipas. Minha mãe perguntou: “O que estás querendo fazer com essas pipas?” Ele falou que não estava querendo fazer nada com as pipas, mas tinha de ir lá conversar com o homem das nuvens. Um dia meu pai saiu do quarto todo fantasiado como pipa, com papel de seda pelo corpo e me chamou. Não sei se vocês se lembram de que na pipa tem o cabresto, aquele fio de linha que vai da parte de cima, onde está a vareta, até em baixo, onde a gente amarra a linha para soltar. Ele falou: “Sergio, amarra o cabresto nas minhas costas, do cós das calças até a gola da camisa.” Eu falei: “Mas o que está querendo com isso, pai?” Ele falou: “Vai lá, vão me soltar, porque eu quero ir lá falar com o homem das nuvens.” Todo mundo lá em casa achava que ele estava doido. Como o meu pai era bem magrinho, eu pensei: “Pode ser que dê para soltar e ele subir.” Chegamos lá no campo e todo mundo começou a rir da gente. Passou um tempo, veio um vento, e ele falou para eu tentar pela última vez. Aí comecei a soltar e meu pai começou a subir. Quando meu pai começou a subir, passou a dona Íris, que era uma vizinha nossa, e falou: “Olha lá o seu Manuel!” Meu pai estava subindo, e ela falou: “Venha, dona Cici, olha lá o seu Manuel subindo igual a uma pandorga.” Veio minha mãe, e nesse momento meu pai começou a dar piruetas no céu. A partir desse momento, fui dando soquinho e ele foi subindo; subindo fui dando linha, dando linha, até chegar perto da nuvem. Meu pai estava lá em cima e nós preocupados, pensando se ele estava bem ou não. Aí pensei: vamos passar um telegrama. Colamos um papel em volta da linha, onde escrevi: “Pai, você tá bem aí?” E mandei o telegrama. Então, senti um vento mais forte, arreventou a linha e meu pai desapareceu. Isso se passou mais ou menos até de noite. À noite caiu uma chuva muito



forte e de novo a nossa horta ficou bonita e podíamos comer. E eu falei: “Não viu que dava certo, mãe?” E a minha mãe falou: “Eu sei que tá dando sorte, mas eu acho que seu pai era muito melhor do que alface.” Então, me veio uma ideia e eu falei assim: “Vamos soltar então a Lucinha!” E minha mãe falou: “Que é isso? Por que não vai você?” Eu falei assim: “Você sabe me soltar, sabe dar soquinho e passar telegrama?” Aí resolvemos soltar minha irmã, que tinha três anos. Ela ficou supercontente e, por ser tão pequena, logo subiu. Passaram-se uns dias, uma semana, então senti um baque na linha. Puxei na carretilha que eu tinha feito, e meu pai e minha irmã voltaram. Perguntei: “Você está bem, pai?” Ele falou: “Estou bem, mas eu mandei um telegrama para vocês.” Fui olhar na linha que tinha arreventado e, de fato, tinha um papel no qual estava escrito: “Eu tô bem fio, tô querendo pegar a beradinha da nuvem, por isso eu vou arreventar a linha.” Isso eu não tinha visto. Então, ele desceu, nós fomos para casa e, a partir desse momento, sempre tínhamos chuva, as hortaliças ficaram muito bonitas e podíamos vender tomate, alface, cebola e tudo. Ao mesmo tempo, na hora em que estava descendo da nuvem, minha irmã pegou uma nuvem inteira de algodão-doce, que, então, vendíamos em Araguari, Monte Alegre de Minas, Uberlândia, Uberaba, Patrocínio, Frutal. Nós vendíamos algodão-doce e produtos da horta; assim, pude estudar e viajei para a China. Como estava dizendo, ao mesmo tempo em que comecei a pensar nas nuvens, pensei nas pandorgas e comecei a escrever poesias. Agora vou ler poemas para vocês, encerrando minha participação. O primeiro foi publicado no livro *Boi da cara preta* e se chama “Guaraná com canudinho”.



Um vaca entrou no bar e pediu um guaraná.
O garçom um gafanhoto, tinha cara de biscoito.
Olhou de trás do balcão pensando na confusão.
Fala a vaca decidida, pronta para comprar briga.
E que esteja geladinho, quero beber de canudinho.
Na gravata borboleta, gafanhoto fez careta.
Responde vaca sem grana, se quiser vai comer grama.
Ah muge a vaca matreira, quem dá leite à vida inteira.
Dou leite, queijo, coalhada, reclamo e ninguém me paga.
Da gravata borboleta sai voando satisfeita.
O gafanhoto leva um susto acreditando muito a custo
e serve bem rapidinho, guaraná com canudinho.

A última é do iaque, que é um boi peludo que vive com frio há quase cinco mil metros de altura no Tibet, lugar que visitei.

Um dia no Tibet encontrei o iaque,
doido por nhoque, doido por nhoque
e lá fui eu fazer nhoque pro iaque, ah, ah, ah,
Servi um prato de nhoque para o iaque,
ele comeu, ele comeu iaque, iaque, iaque, ah, ah, ah, ah.
Feliz o iaque começou a dançar um rock ah, ah, ah.
Iaque, nhoque, rock, iaque, nhoque, rock, ah, ah, ah.
Até hoje não me sai da lembrança,
essa dança, essa dança, esse rock do nho-
que, do iaque, do iaque. Ah, ah, ah,
Iaque nhoque, nhoque, rock, rock, ia-
que, nhoque, rock, ah, ah, ah.

Gali-Leu – Capparelli, será que é possível me sus-
pender numa pipa lá em cima numa nuvem para ficar bem
pertinho do céu?

Sergio – Para dizer a verdade, se estudarmos a histó-
ria das pipas no Japão antigo e na China antiga, vere-
mos que uma das maneiras de castigar uma pessoa era



construir uma pipa gigantesca, amarrar uma pessoa nela e soltá-la, porque a pessoa morria. Era o castigo que existia no Japão, existia na China, e de verdade. Tem de ver os tipos da pipa na China: são pipas enormes, que, conforme o vento, tem de ter dez pessoas para segurar, ou voa junto, ou tem de largar que ela vá sozinha.

– Qual o objetivo de você ter ido para a China?

Sergio – Eu trabalhei 35 anos como professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quando me aposentei, pensei: “O que eu vou fazer agora? Vou aprender chinês.” Assim, fui para a China e fiquei lá três meses estudando, quase sete horas por dia. Não consegui aprender chinês direito, porque a letra é completamente diferente, nem é letra, eles chamam “caracteres”, que são desenhos, e é muito difícil. Mais tarde, fui convidado para trabalhar numa agência de notícias chinesa, porque já fui jornalista numa época da minha vida, onde fiquei dois anos. Trabalhava, mas em casa continuei escrevendo as minhas coisas.

– Sobre o que você mais gosta de escrever?

Sergio – Depende da época. Agora, estou escrevendo um livro que se chama *As noites do iaque louco*, uma história que se passa num lugar da China, no interior, onde existe uma cidade dos sinais trocados. Nessa cidade são as mulheres que mandam; são elas que têm as casas, que recebem o dinheiro dos homens que trabalham, dos filhos. É uma cidade que se chama Matriarcado. Então, estou escrevendo agora um livro sobre uma outra cultura. Nesta cidade, onde vivem cinquenta mil pessoas, não existe casamento. Então, vou mostrar, através do livro, outro jeito de



se viver, outra maneira de se gostar das pessoas. Então, do que estou gostando mais agora é isso.

Gali-Leu – Capparelli, é verdade que na China o pessoal come carne de cachorro?

Sergio – Lá na China, em algumas regiões, não em todas, existem restaurantes onde servem carne de cachorro, assim como, por exemplo, no centro de Pequim se pode comer escorpião, gafanhoto.





Lia Zatz – É uma honra vir de São Paulo para estar aqui com vocês. Eu quero dizer que tenho um pouco de gaúcha também, porque o meu pai nasceu em Erechim, hoje Getúlio Vargas. Eu gostaria de mostrar um pouco dos meus livros para vocês, mas com tanta criança é difícil. Então, vou falar um pouquinho. Meu primeiro livro saiu em 1984 e se chama *Suriléia, a mãe monstrinha*, que tem tudo a ver com a minha vida. Tenho duas filhas. Um belo dia, saí cansada do trabalho, correndo, e fui buscá-las na escola; cheguei e dei comida. Mas uma queria isso, a outra me puxava para cá, a outra para lá: “Eu quero tomar banho primeiro!”, “Mãe, me dá banho!” Chegou uma hora que eu disse: “Eu não aguento mais, preciso ter duas cabeças, quatro braços, quatro pernas. Não é possível, com vocês tenho de ser duas mães!” Aí elas caíram na gargalhada e meu marido também. Ele falou: “Por que você não escreve um livro?” Assim, escrevi *Suriléia, a mãe monstrinha*, meu primeiro livro, que foi premiado, mas continuei trabalhando com outras coisas. Demorou para eu falar: “Puxa vida,



quero escrever livros para crianças. Quero parar de fazer o que eu estou fazendo e fazer isto.” A partir de 1987 é o que estou fazendo. Escrevi vários livros, entre eles, *Lazar Segal, o pintor de almas*. Vou falar um pouquinho sobre como surgiu a ideia de escrever. Lazar Segal é um pintor que se naturalizou lituano, se naturalizou brasileiro. Decidi escrever um livro para criança sobre o trabalho dele, sobre ele. Um belo dia, conversando com o diretor do museu Lazar Segal, que concentra a maior parte das suas obras, ele me mostrou alguns desenhos de Lazar Segal pouco conhecidos e muito tristes, que fazem parte de um caderno que se chama *Visões de guerra*. São desenhos muito tristes mesmo, de visões de guerra. Olhando aquilo pensei que seria difícil escrever para crianças ou para qualquer pessoa sobre uma coisa tão dramática. Comecei a estudar a sua obra e percebi que ele tem uma sensibilidade muito grande em relação aos crimes contra a humanidade, em relação ao racismo, em relação à perseguição aos judeus. Então, me deu um *clic* de fazer uma história que pegasse dois lados da sua, tanto a parte de perseguição aos judeus, pois ele era judeu e também eu, quanto a questão dos negros no Brasil. Quis fazer uma história que pegasse esse diálogo entre essas duas questões, a de perseguição aos judeus e a questão do racismo. Num outro livro meu, *Eu estou com fome*, existem duas histórias: de um lado, a história de um menino de rua, que mora na rua; de outro, a história de um menino rico. Contudo, o texto é o mesmo nos dois lados. Na verdade, é uma coleção que trabalha justamente com as múltiplas leituras, que acho uma coisa muito legal para se perceber. O tema desta Jornada – “a arte da leitura, a leitura da arte” – tem muito a ver com isso, e é interessante trabalhar essas múltiplas leituras.





Marcelo Xavier – Eu também estou honradíssimo de estar aqui. Vou contar um pouco para vocês sobre os meus livros, que são ilustrados com a técnica de ilustração tridimensional, assim chamada porque, ao invés de desenhar, de fazer pintura, que usa um plano só, constroem-se objetos tridimensionais, que têm altura, largura e profundidade. Os objetos que eu construo com essas três dimensões são fotografados depois em cenários também tridimensionais. O meu trabalho é todo feito com essa massinha de modelar com a qual vocês brincam o tempo todo, que eu brinquei muito também, até ela se transformar na minha matéria principal de trabalho. Faço os personagens de massinha e também uso alguns elementos que não são de massinha para construir os cenários. Eu comecei a fazer esse tipo de trabalho com massinha no livro *Truques coloridos*, em 1986, quando tive a ideia de pegar este material para fazer a ilustração. Roubei a massa da Luiza e da Cecília, minhas filhas, pequenininhas, e construí um personagem



para ver no que dava. Eu gostei muito e esperei para ver o que achavam daquilo. Como elas gostaram muito também, apresentei para a editora. Assim nasceu *Truques coloridos*, que recebeu um prêmio que me deu muito estímulo para continuar trabalhando com a massa de modelar. Queria dizer que vocês são a razão de ser do nosso trabalho, porque trabalhamos para vocês. O autor faz o livro para ser lido, não para ele mesmo. Eu faço uma história, um livro, para contar para vocês, para passar um recado para vocês. Então, é importante que você saiba, como leitor, que faz parte desse processo. É um sanduíche autor, livro e leitor, que não funciona se não tiver uma dessas três partes. Isso vocês têm de levar daqui desta grande Jornada, maravilhosa, que incentiva a leitura, que valoriza tanto o livro.

– Lia, você já teve medo de que ninguém gostasse de seu livro?

Lia – Nós sempre temos medo de que alguém não goste do nosso livro. Quem são as pessoas que queremos que gostem do nosso livro? As crianças. Muitas vezes vou à escola, e as crianças perguntam: “De qual livro seu você mais gosta?” Respondo que não consigo dizer de que livro mais gosto, porque, para mim, são como filhos; como as minhas duas filhas. Os livros também são filhos, e eu gosto igual. Quem pode me dizer isso são vocês, os meus leitores. Então, claro, temos medo, queremos que o livro seja legal e que muitas crianças gostem dele, porém nem todo mundo vai gostar do nosso livro, porque os gostos são diferentes, as pessoas são diferentes. Por isso, acho que elas têm o direito de gostar ou não de muita coisa.

– Meu nome é Mateus. Pergunto: se alguém quiser ser escritor, o que você aconselharia fazer?



Marcelo – Para começar a entrar nesse mundo da literatura, para você ser escritor, escrever um livro, você deve começar lendo, lendo o máximo que você puder, vendo livro, se ligando no mundo. Depois, você escreve a história que vier na sua cabeça. Todo mundo é capaz de escrever uma história, porque todo mundo é cheio de histórias na cabecinha; na cabeça de cada um aqui existem mil histórias, uma porção de personagens. Então, basta você escrever e fazer depois disso uma prática; de repente, você pode transformar isso aí num livro. O livro pode ter um exemplar, como pode ter cem mil, um milhão. Livro nasce do primeiro exemplar que você escreveu e depois a sua reprodução é feita pela gráfica, pelos processos de tecnologia de impressão.

– Lia, qual foi sua inspiração para seu segundo livro?

Lia – Meu segundo livro se chama *João e o sultão*, que também tem dois lados: de um lado, é a história de um cara muito pobre que se chama João; do outro, é um sultão, que é um cara muito rico. Tem uma coisa que tenho certeza de que todos vocês conhecem: é uma figura que dá para ver dos dois lados. Vou mostrar uma figura e vocês poderão ver, de um lado, um sultão com turbante; do outro, um João com dor de dente. Quero dizer que a inspiração foi essa figura que dá para ver dos dois lados. Primeiro arrumei figuras que dessem para ver dos dois lados; depois é que tive a ideia das histórias.

– Marcelo, como você se inspirou para escrever o seu primeiro livro?

Marcelo – Falo de escrever, mas meu primeiro livro foi um livro de imagens. Sabemos que o livro de imagens tem a história que você quiser contar a partir daquelas



imagens. Ele não tem texto, não tem palavras escritas. Meu primeiro livro se chama *O dia-a-dia de Dadá*, todo feito com massinha. É a história de uma menina, da sua bonequinha, do tamanho do seu nariz, e de um gatinho, que é amigo das duas. O livro conta a história de um dia na vida desses três personagens. A inspiração para escrevê-lo foi exatamente o dia-a-dia de uma criança qualquer, pois todo mundo tem esse dia-a-dia fantástico: é dormir naquele mundo dos sonhos, acordar, tomar o seu café da manhã, ir para a escola, estudar música, tocar alguma coisa, brincar, ir ao banheiro, escovar os dentes, fazer xixi e cocô e depois dormir novamente. O livro é exatamente isso.

– Lá na escola nós trabalhamos o seu livro com *biscuit*. Gostaríamos de saber por que você ilustrou seu livro com *biscuit*?

Marcelo – Faço meus livros com massinha, e o *biscuit* é um tipo de massinha que endurece. Depois que se faz o bonequinho, a massa de *biscuit* fica durinha. Por isso, não trabalho muito com o *biscuit*, prefiro aquela massinha que fica o tempo todo mole, macia. É a mesma coisa, a única diferença do *biscuit* é que é uma massa que endurece. Mas é linda da mesma forma, é uma massa colorida maravilhosa e que permite fazer personagens, a coisa que se tiver na cabeça.

– Como você quis escrever, de onde veio essa ideia?

Lia – Como falei, o primeiro livro, *Suriléia, a mãe monstrinha*, tem muito a ver com o que eu vivi com as minhas filhas; é uma história muito redonda, muito fácil de colocar. Mas depois, quando decidi ser profissional mesmo, aí é outra história, porque se se começa a trabalhar, tem de realmente se dedicar a isso. Dedicar-se quer dizer es-



crever bastante; por isso, de muita coisa não se gosta, se joga fora, faz de novo; é um trabalho como outro qualquer escrever. Quem quer escrever precisa ler muito, escrever muito, jogar muita coisa fora, até que saia alguma coisa; tal como o trabalho da professora, que estuda muito para ser professora; como o trabalho de qualquer pessoa. Tem de se dedicar para fazer legal.

– De onde surgiu a ideia de fazer o livro *O cachecol*?

Lia – Essa coleção tem história dos dois lados. O meu irmão, que é ilustrador, um dia me deu oito desenhos feitos por ele. Peguei os oito desenhos, pus no chão e pensei que daria para fazer uma história com esses desenhos. Então, peguei esses desenhos e fiz duas histórias, de um lado e de outro. Depois, pensei em fazer uma coleção com essa idéia, uma história que tem desenhos. Depois falei: “Vou fazer um outro livro, que tenha o mesmo texto, com desenhos diferentes, que tenha a mesma situação vivida, mas por personagens diferentes, ou seja, do ponto de vista de uma avó e do ponto de vista de uma neta.”

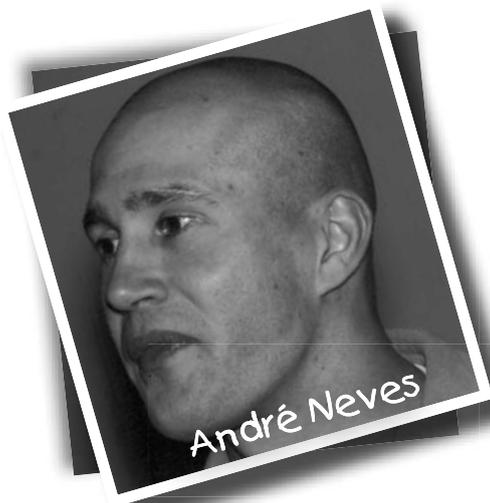
Dentre todos os livros que você escreveu, com qual deles mais se identificou?

Lia – Para mim, os livros são como filhos, de que gosto igual de todos. Todos deram trabalho, desafios diferentes. Quem pode dizer que livro meu é melhor são vocês.

– Nós lemos todos os seus livros. Eu queria saber qual foi o livro que o senhor gostou mais de fazer?

Marcelo – A minha resposta seria a resposta da Lia: meus livros são diferentes um do outro, e eu gosto igualmente de todos. Sempre dou atenção ao livro que estou fazendo, em que estou empenhado e para o qual dou mais atenção, mas depois todos se igualam e cabem no coração da mesma forma. Todos têm seu lugarzinho no meu coração.





André Neves – Quero dizer que estou muito feliz de estar aqui em Passo Fundo. É muito legal vir e conversar sobre nosso trabalho, sobre o que fazemos, as coisas que a nossa imaginação é capaz de criar, compartilhar o que estamos imaginando, o que estamos criando com os leitores. Vocês devem estar notando que eu falo de uma forma bem diferente, porque vim de bem longe, do Nordeste. Quando eu era muito pequeno, já queria trabalhar com livros porque gostava muito de desenhar. Na verdade, eu não escrevia, apenas desenhava. À medida que fui crescendo, a vontade de desenhar também foi crescendo comigo. Já crescido, comecei a estudar outras coisas e decidi sair de Recife para tentar fazer um livro bem bacana, porque em Recife não havia um lugar que fizesse um livro tão bonito quanto esses. Então, fui para São Paulo fazer alguns contatos, e ali surgiu o primeiro livro, um livro delicioso de fazer, cujo nome é *Poesias de dar água na boca*. Eram poesias que falavam sobre comida e sobre esse universo da



alimentação; foi muito legal, muito saboroso fazer o livro. Assim, fui descobrindo que poderia juntar esses elementos visuais que trazia comigo desde Recife. Depois, passei a escrever. Então, hoje tenho alguns livros escritos e ilustrados por mim e uma quantidade muito maior de livros que ilustrei para outros escritores que ainda não se arriscaram a desenhar seus próprios livros. Depois de algum tempo vim morar no Rio Grande do Sul para trabalhar também com literatura.





Luciana Savaget – Nasci no Rio mesmo, onde me criei, e adoro inventar histórias. Vocês não têm noção de como gosto de inventar histórias. E o pior de tudo, acredito nas histórias que crio. Vocês não sabem como eu vivo as histórias. Eu escrevo e depois fico na dúvida se foi verdade ou se foi mentira, porque acho que tudo o que inventamos, tudo o que sonhamos é verdade. Através dos livros podemos viver, viajar, sonhar. Eu adoro contar histórias e conto muitas histórias, muitas. Também sou jornalista, porque não dá para viver só de escrever. Assim, posso ganhar dinheiro com uma e faço a outra por prazer, a qual me permite sonhar, pois adoro sonhar. Agora estou aqui imaginando que cada um de vocês também tem um sonho. Aqui tem alguém que vai querer ser escritor? Quando comecei a aprender a ler, comecei a guardar as histórias que imaginava, os sonhos que tinha; assim, muitos desses sonhos e histórias que eu escrevia quando era pequena hoje viraram livro. Em muitos dos meus livros as histórias aconteceram



mesmo quando eu era pequena; em outros, não. Quando já adulta, juntei a realidade e a ficção, juntei os meus dois trabalhos, de jornalista e de escritora, e, assim, fiz vários outros livros. Estou muito feliz de estar aqui, porque isso também é um sonho, mas um sonho que se realizou.





Elizete Lisboa – O André me falou que eu não enxergo com os olhos, mas com o coração. Na verdade, eu não enxergo com os olhos não, mas enxergo de tanta maneira diferente, até com o bumbum. Vocês acreditam nisso? Eu enxergo com o pé, com o cotovelo, com a cabeça. Sabem por que enxergamos com o corpo inteiro? Quando vocês pisam na água de olho fechado, o que acontece? É o seu pé que vai contar que vocês estão pisando no molhado. Eu contei para vocês que a bruxa mais velha do mundo usa penico de madrugada, não foi? Vocês acreditam que eu vim lá de Belo Horizonte trazendo o pinico da bruxa dentro do avião? É isso mesmo, porque a bruxa – eu não contei no livro – leva o penico para todo lugar onde ela vai.

– Meu nome é Cassiano. Por que no seu livro tem tantas bruxas?

Elizete – Eu penso que a criança que existe em mim adora bruxa. Minha casa é toda enfeitada de bruxa, tanto que esses dias, escutei que meu vizinho, de três aninhos,



do lado de fora da minha casa, falou assim: “Essa é a casa da Elizete, é uma casa de buxa.” Então, eu gosto de bruxa e tenho outros livros com o mesmo assunto.

– Meu nome é Ana. Queria saber em que você se inspirou para escrever *A caligrafia de dona Sofia*?

André – *A caligrafia de dona Sofia* surgiu de lembranças minhas. Como a Luciana falou, todas as suas histórias foram histórias que existiram, apenas vamos mudando um pouquinho para dar um tom legal na forma de escrever. Então, *A caligrafia de dona Sofia* surgiu de uma casa que realmente existe, uma casa toda escrita com poesias. É a casa de uma professora minha que se chamava Badida, que tem uma casa toda escrita. Badida é uma grande artista plástica, foi a minha professora de artes e é uma pessoa muito especial e muito bacana. Quem quiser descobrir mais, não da casa de dona Sofia, mas da casa da Badida, basta entrar na internet e procurar na busca “Badida”. Então, vai aparecer muita coisa sobre Badida, inclusive sobre a casa dela, que fica no Recife, uma casa que tem poemas em todos os lugares e muita obra de arte também. Então, quem quiser pesquisar mais sobre isso, basta procurar, e aí vocês vão entender de onde veio a ideia deste livro.

– Meu nome é Karen. Gostaria de saber em que ano você iniciou sua carreira de escritora e quantos livros você já tem publicado?

Luciana – Comecei a escrever quando tinha dez anos e já tenho 25 livros publicados. Penso que escrever é muito difícil, porque cada história que escrevo é muito trabalhada, acho que nunca está pronta. A primeira história que escrevi, *A flor sem nome*, publiquei logo em seguida;



a segunda, levei dez anos para achar que estava pronta. Tenho um segredo que quero contar para vocês. Quando a professora disser para vocês fazerem uma redação, façam. Primeiro vem a ideia, mas quando vamos reler sempre tem um erro. Então, é a mesma coisa. Quando escrevo um livro, fico trabalhando a história. É como um bolo que vamos deixando descansar – antes se deixava descansar na gaveta, agora no computador. Então, esqueço a história; daqui a um ano, eu reescrevo, leio e releio. A mesma coisa é quando vocês forem escrever uma redação: escrevam a redação, registrem a ideia, mas releiam essa ideia, porque sempre tem um erro, falta um cedilha, uma vírgula. A nossa língua portuguesa é muito difícil. Por isso eu demoro muito para escrever.





Elisa da Silva e Cunha – Eu vou falar bem pouco sobre o livro, porque acho que vocês já o leram. Este livro foi escrito com a intenção de ser também um livro ouvido. Como assim um livro para se escutar? Porque é um livro que lemos com os olhos as palavras e escutamos o CD junto, ou seja, nós vamos lendo e ouvindo. Por que isso? Porque queremos apresentar através deste livro a orquestra sinfônica, com todos os instrumentos que configuram os naipes da orquestra. Eu sou professora de música, de piano, e a minha principal atividade não é ser escritora, como os meus colegas que têm muitos livros escritos. A minha principal atividade é ser professora de música, mas tenho dois livros escritos, e um é *Em sintonia com a música*.





Leo Cunha – É um prazer estar conversando aqui com vocês. Tenho muitos livros publicados, de poesia, de histórias e de crônicas. Assim, consegui passear por vários ramos da literatura. Mas quando eu tinha a idade de vocês, nunca imaginei que ia ser escritor; achava que ia ser essas coisas com que vocês provavelmente também sonham. Na minha época, sonhava com três coisas: ser engenheiro, ou astronauta, ou jogador de futebol. Vocês acham que eu virei alguma dessas três coisas? Vejam o que aconteceu. Primeiro, descobri que eu não era muito bom em matemática; então, tive de desistir do meu projeto de ser engenheiro. Depois pensei em ser astronauta, mas descobri que tenho medo de altura; então, também desisti de ser astronauta. E ser jogador de futebol também tive de desistir, porque eu sempre usei óculos, e jogador de futebol com óculos não funciona. Assim, fui desistindo desses projetos e acabei vendo que o que eu gostava de fazer era inventar histórias,



poemas, contar casos, “contar causos”, como se diz em Minas. É o legal é que, ao fazer essas coisas, descobri que podia ser o personagem engenheiro, o personagem jogador de futebol, inventar uma história toda que se passa no mundo do futebol, tal como meu livro que se chama *Na marca do pênalti*. Uma coisa legal da literatura é isto: podemos nos imaginar, nos colocar no papel daquelas pessoas, ou daquelas profissões. Gosto muito de ser escritor, mas também sou professor, como a Elisa. Sou professor de jornalismo em Belo Horizonte e gosto muito dos meus dois trabalhos.





Márcio Vassallo – Sou carioca, autor, e estava pensando aqui sobre como é que o encantamento entrou na minha vida. Tem uma história que sempre gosto de contar. O encantamento, a poesia entra na nossa vida muito antes de começarmos a escrever, muito antes de começarmos a ler. Acho que o encantamento entrou na minha vida quando eu tinha oito anos e me apaixonei pela garota mais bonita da escola por um motivo muito simples: ela tinha um olho verde, mais verde que todas as folhas, que todas as lagartixas do mundo, e outro preto, preto, preto, mais preto que tudo que é carvão. E eu não sabia se olhava para o olho preto ou para o olho verde, se olhava para a garota toda; minha vida era um tormento, aos oito anos, apaixonado, morrendo de amor. O tempo passou, fui para outra escola e me apaixonei pela garota mais bonita de todas as escolas do bairro onde eu morava. E o motivo? Ela era canhota. Ainda me apaixonei pela garota mais bonita de todas as



escolas do mundo quando eu tinha 15 anos, por um motivo simples: por causa do seu nome. Assim me apaixonei por tudo durante toda a minha vida. Lembro muito dessas coisas porque vou observando as coisas. Um escritor é aquele que observa desde cedo. Na verdade, todos vocês observam, mas, quando o tempo vai passando, vamos deixando de reparar nas coisas. Alguns vão observar de outro jeito, vão fazer outras coisas; outros serão escritores e continuarão olhando essas coisas e se apaixonando por um bocado de coisas.

– Em quem você se inspirou para escrever o livro *Pão e circo*?

Leo – Este livro tem uma história curiosa, porque nasceu na época em que eu estava fazendo jornalismo. Naquela época, eu e um grande amigo meu, o André, começamos a conversar sobre fazer um filme, que seria sobre dois mendigos. O tempo passou e nós nos esquecemos do filme. Muito tempo depois, um primo meu, que tem uma escola de circo em Belo Horizonte, pediu-me que escrevesse uma historinha que misturasse cenas de circo com uma narrativa mesmo, com personagens e tal. Aí eu e o André nos lembramos dessa história e criamos uma história cujos personagens fossem dois meninos de rua e tal, que vivessem as dificuldades da rua, mas, ao mesmo tempo, fizessem malabarismo, equilibrismo, todas aquelas coisas do circo. Essa peça para circo acabou virando o livro *O pão e o circo*, que é um livro diferente da maioria dos meus livros: não é um livro muito engraçado, porque a maioria dos meus livros tende mais para o humor. Este é um livro até mais triste um pouco, mais poético, mais emotivo, mas do qual gosto muito.



– Que livro você mais gostou de escrever?

Márcio – Nós gostamos de todos de um jeito diferente, mas *O menino da chuva no cabelo* é a história da minha vida. Gostei mais de escrever este porque pela primeira vez estava escrevendo uma história que tinha muito da minha vida, embora achasse que ninguém iria se interessar em ler essa história. É a história desse menino que queria ser jogador de futebol. Só depois vi que muitos se interessaram, e fiquei muito feliz.

– Meu nome é Bruna. Queria saber qual foi o incentivo recebido para começar a escrever?

Elisa – Foi a vontade de mostrar mais coisas sobre música, nos livros em geral, para os alunos e para os professores.

– Meu nome é Marina. Queria saber qual é o significado que você vê no futebol?

Leo – Sou apaixonado pelo futebol e não virei jogador de futebol porque usava óculos, o que me atrapalhou muito, mas gostava de jogar de brincadeira e gosto muito de assistir aos jogos. Não gosto muito de ver televisão, mas, quando vejo, é para ver jogo de futebol. Adoro e sou um torcedor apaixonado pelo Cruzeiro, um time de Belo Horizonte. Tenho um livro que se chama *Na marca do pênalti*, que conta muito dessa paixão pelo futebol. É uma história muito divertida e me deu muito prazer em escrever, exatamente por eu pesquisar muito sobre esse tema e poder inventar muitas maluquices envolvendo o futebol.

Márcio – O futebol está na minha vida desde que nasci. Eu não via jogo pela televisão quando era menino, porque quase não transmitiam jogos, mas ouvia muito pelo



rádio onde eu morava. Assim, até hoje o futebol me encanta muito, tem essa fantasia em torno do futebol.

– Eu queria perguntar como surgiu a ideia de criar livros?

Elisa – Comecei a escrever os livros mais pela vontade de mostrar os instrumentos, as músicas que gosto de ensinar. Foi muito mais pela vontade de mostrar a música do que pela vontade de escrever, porque a minha principal atividade é ser professora de música.

– De onde você tirou a ideia de fazer o livro *O menino da chuva no cabelo*?

Márcio – A história de *O menino da chuva no cabelo* é a história da minha vida. Eu queria ser jogador de futebol como ele e acabei virando escritor.

– Como surgiu a ideia de você escrever livro?

Elisa – Inicialmente, surgiu da vontade de mostrar os instrumentos da orquestra para as crianças e para os professores de Porto Alegre. Agora, meu livro foi distribuído por todo o Brasil, porque orquestra é um tipo de conjunto não muito conhecido em muitos lugares. Não se vê muita orquestra na televisão, não se ouve orquestra quase no rádio. Como gosto deste tipo de música também, quis mostrar para as pessoas. E o livro foi o jeito que achei para isso.

– Com quantos anos você começou a escrever os livros?

Leo – Eu estava no curso de jornalismo, tinha uns 19 anos, e uma das matérias que fazia era teatro. O professor de teatro não queria que interpretássemos as peças que já existiam; queria que inventássemos as peças. Então, comecei a inventar umas historinhas, umas pequenas cenas



de teatro, e as pessoas acharam aquilo engraçado, interessante, criativo. Assim, fui percebendo que as pessoas se interessavam pelas coisas que eu criava. Foi mais ou menos com essa idade que comecei a escrever, com o objetivo de realmente as pessoas lerem, ouvirem as coisas que eu escrevia.

– Com quantos anos você começou a fazer os livros?

Elisa – A *Orquestra tintim por tintim* foi o meu primeiro livro. Depois escrevi um outro, chamado *Em sinfonia com a música*.

– De onde você tira tantas ideias para fazer seus livros?

Leo – Na verdade, cada livro nasce de uma forma diferente. Tem alguns livros em que me inspiro, às vezes, numa conversa que ouvi, numa cena que vi; outros nascem da própria brincadeira com as palavras. Gosto de ficar rabiscando, olhando para as palavras, vendo palavras que existem dentro de outras palavras. Muitos livros meus nascem assim, da brincadeira com as palavras; outros nascem de outras leituras. Então, cada livro nasce de um jeito. O escritor está sempre observando em volta dele coisas engraçadas ou curiosas que podem virar um livro.

– Em quem você se inspirou para fazer os seus livros?

Marcio – Nas pessoas. Eu me inspiro sempre nas pessoas que estão próximas de mim, ou em coisas que escuto, um pouco parecido com o Leo, ou parecido com vários escritores. Você, às vezes, está passando na rua, ouve alguém falar alguma coisa, às vezes uma frase até pela metade, mas que nos leva a inventar a partir daquilo. Um livro meu, por exemplo, *O príncipe sem sonhos*, é a história



de um menino que não consegue sonhar com nada, porque já ganha tudo dos pais. Fiz essa história quando vi uma cena numa loja de brinquedos, na qual um menino ganhou tudo do pai. O pai deu-lhe tanto brinquedo, tanto brinquedo, que era impossível ver o menino, de tanto brinquedo na frente dele. Então, fiquei imaginando que esse menino podia ser um príncipe sem sonhos, porque ele ganhava tanta coisa, tanta, que não tinha nem tempo de sonhar. Então, é assim, a inspiração vem de coisas que vemos e observamos.

– De qual livro seu você mais gostou?

Elisa – Só escrevi dois e gostei de escrever os dois; não tenho uma preferência. O que posso dizer é que o primeiro foi mais divertido, porque era o primeiro, era novidade, eu não sabia como começar, como seria fazer o CD. O primeiro foi o mais divertido, mas gosto muito dos dois livros.

– Qual foi o seu primeiro livro?

Leo – Meu primeiro livro publicado se chama *Pela estrada afora*, lançado em 1993, mas antes disso já tinha lançado histórias em revistas, como na *Recreio*, que vocês devem conhecer. Em 1991 publiquei uma história na *Recreio* que se chama “Em boca fechada não entram estrelas”. Foi a primeira vez que publiquei uma história minha; dois anos depois, saiu o meu primeiro livro *Pela estrada afora*.

– Qual foi seu objetivo ao mostrar esses ritmos musicais para nós?

Elisa – O objetivo de todo o livro é mostrar várias possibilidades de se prestar atenção à música. Às vezes, escutamos uma música cantada e só prestamos atenção na letra, ou prestamos atenção só no que a bateria faz. Então,



tentamos nesse livro mostrar várias possibilidades de se escutar música.

– O que levou você a fazer o livro *A orquestra tintim por tintim*?

Elisa – Foi o projeto Poema da Ospa. A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre tem um projeto que leva a crianças e adolescentes os concertos. No entanto, a maioria deles não conhecem os instrumentos; no máximo, conhecem um violino, uma flauta, não os outros instrumentos. Então, decidimos escrever esse livro para mostrar todos os instrumentos que compõem a orquestra sinfônica, para que as pessoas possam aprender com isso.

– Eu queria saber com quantos anos e por que você começou a escrever?

Elisa – Comecei a escrever há dois anos. Eu não me considero uma escritora profissional, porque a minha profissão principal é ser professora de música, sou professora de piano, e esses livros foram um “acidente” feliz das nossas vidas. É que surgiu a oportunidade de escrever e eu gostei; se puder, escrevo outro, mas vamos ver o que acontece.

– Se você não fosse escritora, o que seria?

Elisa – Não seria jogadora de futebol, porque morro de medo de levar uma bolada. Talvez fosse artista plástica, que é o que eu queria ser antes de começar na música. Eu tocava piano e tinha de fazer uma faculdade, porém não sabia se fazia artes visuais, música ou engenharia mecânica. Mas decidi fazer música.





Carla Caruso – Já escrevi alguns livros, e um deles é sobre a pintora Tarsila do Amaral, uma pintora que fez um quadro chamado *Abapuru*, cujo significado é “o homem que come”. Em tupi-guarani, *aba* = homem, *poru* = que come. Fiz esse livro sobre a história da vida da Tarsila e também já escrevi poemas.





Rubens Matuck – Sou artista plástico, faço alguns livros infantis e gosto muito de crianças. Agora, declaro aberta a sessão de perguntas.

– Qual foi a inspiração para você fazer o seu primeiro livro?

Carla – O meu primeiro livro eu trouxe aqui, porque o primeiro livro nunca esquecemos. Conta a história de Ítalo, um menino que pega o seu cavalo e parte para conhecer muitas cidades, as quais eu inventei. Uma dessas cidades é toda feita de cristal. Então, ele entra nela e descobre muita coisa lá, inclusive que a cidade, de dia, é de cristal e, à noite, fica toda espelhada. Então, quem sai para andar na cidade vê a si mesmo refletido no espelho. Essa é uma das cidades por que Ítalo vai passar.

– De qual livro você mais gostou?



Rubens – Chama-se *Plantando uma amizade*. É um livro que fiz sobre plantação de árvores na cidade de São Paulo.

– De onde você tirou a ideia de fazer um livro?

Carla – A ideia de fazer livro vem desde quando eu tinha a idade de vocês, bem pequena. Naquela época, eu gostava de fazer uma coisa de que todas as crianças gostam. Então, antes de um dormir, meu pai, um homem muito engraçado, gostava de contar histórias. Ele veio de um país, a Itália, e à noite ele falava assim: “Carla, Humberto, que é meu irmão, venham aqui que eu vou contar uma história.” Aí ele inventava histórias. Assim, muitas histórias eu ouvi, de onde veio a vontade de escrever livros, ou seja, vem lá da infância o amor por histórias, por livros e pela leitura.

– Além de escrever, do que você mais gosta?

Rubens – Eu gosto de viajar, de pintar, de ficar com a família; sou bem familiar, gosto de ficar com as minhas filhas.

– Qual foi sua inspiração para escrever o livro sobre a pintora?

Carla – Quando eu era pequena, também gostava muito de pintar, de desenhar. Tive a sorte de ter uma mãe que era artista, pintora. Então, todas as tardes ela montava uma mesa de arte, punha sobre ela uma toalha de plástico e me dava papel e tinta, e eu pintava a tarde inteira. Assim, meu amor pela pintura também começou quando eu era pequena. Quando cresci, comecei a ver que havia quadros lindos, e uma das pintoras de quem gostei muito foi a Tarsila do Amaral, com seus quadros coloridos. Tem outra artista da qual também gosto: Anita Malfatti. E te-



mos muitos artistas, como o Aleijadinho de Minas. Assim, minha paixão pela arte cresceu e passei a transpor para o papel as histórias, as biografias dessas pessoas.

– No que você mais se inspirou para fazer seus livros?

Rubens – Eu pirei e me inspirei na natureza brasileira.

– Qual é o título do seu primeiro livro?

Carla – É *Ítalo*, a história daquele menino que sai a cavalo e vai para a cidade de cristal.

– Quantos livros você já escreveu?

Carla – Já escrevi 14 livros.





Katia Canton – Estou adorando estar aqui em Passo Fundo nesta Jornada, que é muito legal; é um dos eventos mais legais dos quais já participei na minha vida. Vou contar para vocês um pouquinho sobre meus livros em geral, mas, sobretudo, sobre um, chamado *Moda, uma história para crianças*, um livro que foi muito divertido de fazer. Elaborei o livro com uma amiga e fizemos tudo a mão; é um livro todinho feito a mão, com bordados, com desenhos da história do vestir, da moda. O outro livro, chamado *Trem da história*, mostra como a nossa vida pode ser vista como uma grande viagem. Comecei a escrever livros em 1994, há 13 anos, e já escrevi quarenta livros para crianças e jovens. Adoro essa profissão, pois cada vez vamos inventando novos assuntos ligados à nossa vida. Acabei de fazer este livro novo chamado *Ioga para crianças*, com histórias sobre a Índia, o país que criou a ioga. No livro aparecem várias crianças fazendo as poses, os exercícios de ioga, entre eles o meu filho.



– De onde surgiu essa ideia de escrever livros?

Katia – Na idade de vocês, entre sete ou oito anos, eu adorava escrever redação na escola. Fazia muita redação e participava de concurso de redação, mas não pensava muito em ser escritora naquela época. Eu pensava em ser jornalista. Fiz jornalismo e comecei a escrever nos jornais. Depois fui morar em Nova York, nos Estados Unidos, e fui correspondente de uma revista chamada *Isto É*. Fiquei oito anos nos Estados Unidos e lá voltei a estudar de novo, fazendo mestrado e doutorado. Qual tema resolvi estudar? Conto de fadas. Aí, me apaixonei completamente pelos contos de fadas e me tornei escritora.

– Gostaria de saber de onde você tirou a ideia para criar o livro *Moda*?

Katia – Este livro foi feito em parceria com Luciana, uma amiga minha que é estilista. Ela cria roupas, é ótima; é superbacana o trabalho dela. Nós batemos papo e pesquisamos sobre moda em muitos livros. Foi brincando com este assunto, quem veste o quê, como as pessoas se vestem, que surgiu a ideia. Nós nos divertimos muito, porque é tudo feito a mão. Nós fizemos tudo junto: pintamos, costuramos, colamos, foi assim.

– Com quantos anos você começou a escrever?

Katia – Não foi muito cedo não, com 32 anos de idade. O primeiro livro que escrevi foi em inglês, quando eu morava nos Estados Unidos. Era um livro sobre a história dos contos de fadas. Quando voltei a morar aqui, em 1994, lancei dez livros de numa vez só, uma coleção chamada “A arte conta a história”.

– Quantos livros você já escreveu?



Katia – O livro sobre ioga é o meu número quarenta. Estou comemorando quarenta livros com este livro, que acabei de lançar nesta semana.

– Qual foi o melhor livro que você já escreveu?

Katia – Essa pergunta todo mundo gosta de fazer, mas respondo para as pessoas que é muito difícil escolher um, porque cada vez que escrevemos um livro nos apaixonamos. É o mesmo que perguntar para uma mãe de que filho ela mais gosta. É difícil, porque a mãe ama todos os filhos. No entanto, tem alguns que eu acho que deram mais certo: *Moda*, por exemplo, *O trem da história*. Este aqui da ioga, espero que dê muito certo. Também gosto muito de *João e os animais*, que é sobre os animais brasileiros. Seriam esses que eu elegeria para você.





Ziraldo – Hoje eu sou o velhinho maluquinho. Mas era mais ou menos maluquinho e feliz quando era menino. Quero dizer para vocês que eu não me acostumo nunca com essa emoção extraordinária de estar aqui em Passo Fundo. Considero a Jornada a melhor coisa que se pode fazer pela juventude do Brasil, pelo futuro do Brasil. Venho aqui, acho, desde a 1ª ou 2ª Jornada e faço propaganda deste evento para o Brasil inteiro, porque realmente é emocionante ficar numa cidade linda como esta, com espaço para o livro. Prestem atenção numa coisa extraordinária todos vocês que estão aqui: não existe como fazer uma juventude melhor, um país melhor, sem o livro. Você não pode chegar ao computador antes de passar pelo livro. E não existe alegria maior no mundo do que você pegar um livrinho e ir para o banheiro, ir para o quarto, ir para a sala e ler uma história para você mesmo. Lendo uma história, você a reinventa para você mesmo. Vejam a importância que o livro tem, que a palavra gravada tem. Todo mundo aqui sabe que o mundo moderno tem dois mil anos. No ano zero,



quando Cristo nasceu, o homem andava de charrete, porque não tinham inventado o motor, não tinham inventado nada. Passaram-se mil e quinhentos anos, o homem continuava andando de charrete, continuava sem inventar uma porção de coisas que ele tem hoje. No século XV, um cara chamado Guttenberg inventou a imprensa. Então, foi possível imprimir livros. Antes, os livros eram escritos a mão, eram poucos os exemplares, e a sua leitura restringia-se aos conventos, aos sábios, aos poetas e aos ricos. Com a invenção do Gutenberg, o livro, como encontramos no poema de Castro Alves, “virou chuva no mar”, porque todo mundo pode ler, pode ter o livro em casa. Assim, somente com a invenção do livro, quando o livro ficou ao alcance de todos nós, o homem conseguiu sair da charrete e chegar à Lua, quer dizer, o homem só chegou à Lua por causa do livro, porque existe o livro. Por isso, sinto essa alegria e prazer de ter sido autor de livro, de escrever livro, de publicar livro, mesmo na era da tecnologia, porque o livro é eterno, é o guardião da palavra. Hoje estou chegando aqui para lançar o último livro que escrevi. Quero contar para vocês que a minha editora fez uma surpresa para mim. Não tinha visto o livro impresso ainda; somente agora, junto com vocês, estou vendo o livro, que se chama *Menina das estrelas*. Quando pedi para a Tania me trazer o livro, que já tinha chegado aqui, ela me trouxe esta caixinha de biscoito. Então, falei: “Que coisa mais bonitinha. Mas eu não fiz biscoito, fiz um livro.” Então, abri a caixinha e dentro dela tinha o livro *A menina das estrelas*. Eu só faço histórias de menino, fiz o *Menino maluquinho*, *O menino mais bonito do mundo*, *O menino marrom*, *O menino e seu amigo*, *O menino quadrado*. Estive em Vitória, capital do Espírito Santo, e, numa visita a um colégio, onde fui



falar sobre *O menino da lua*, uma menina perguntou por que nos seus planetas não havia menina, só menino. Respondi: “Eu não sei, acho que é porque não entendo muito de menina, e não sei o quê. Eu entendo mais de menino, porque eu não fui menina, eu fui menino.” Mas a menina respondeu: “Não é nada disso. Nos seus livros os meninos são dos planetas, mas não tem menina lá, porque as meninas são das estrelas.” Eu achei uma coisa maravilhosa: os meninos são dos planetas e as meninas são das estrelas. Então, decidi escrever um livro das meninas nas estrelas. E esse aqui eu estou lançando hoje e vou autografar daqui a pouco. Eu mesmo estou surpreso, porque não tinha visto o livro ainda e não sabia que viria dentro de uma caixa, com uma camiseta. Quero agradecer a Passo Fundo e à Tania, pela felicidade proporcionada a todos nós, porque trabalhamos para sermos reconhecidos, mas o trabalho só fica pronto quando comunica e emociona as pessoas. Dessa maneira, essa demonstração que os autores brasileiros recebem aqui em Passo Fundo é o melhor que pode acontecer nas nossas vidas.

– Gostaria de saber de onde saiu a ideia para fazer *O menino maluquinho*?

Ziraldo – No Brasil, na língua portuguesa, o sufixo “inho” não significa apenas pequeno, menor; no Brasil “inho” é uma forma de carinho. Então, quando você fala menino maluquinho, não quer dizer um maluco pequeno; quer dizer que é um maluco beleza, um maluco bonitinho. Quando uma mãe e um pai têm um filho alegre, muito cheio de vida, muito inteligente, muito barulhento, eles falam que têm um filho maluquinho.



– *Uma história sem sentido* é uma história bem engraçada. Queria saber se esse tipo de livro pode ajudar a pessoa em alguma coisa?

Ziraldo – Claro, tudo o que você faz com alegria é melhor do que com tristeza. De vez em quando você pode fazer um livro triste para criança. Por exemplo, fiz um livro triste, *A menina Nina*, que é uma conversa com a minha neta sobre a morte da avó dela. Mas criança tem de ser alegre, tem de ser feliz. Então, é bom fazer livros alegres, livros engraçados. Você não acha? Por isso eu faço o menino quadradinho, o menino marrom, o menino mais bonito do mundo.





Marina Colasanti – Nunca vi tanta criança junto na minha vida. E o mais bonito, tanta criança para falar de literatura. Quero dizer que a idade de vocês é a melhor de todas para ler, o que digo porque já li em todas as idades, mas a melhor é a de vocês. Eu adoro escrever para vocês, porque vocês ainda têm a pureza da infância, no entanto já sabem tudo, já têm a esperteza, o conhecimento dos adultos. Então, vocês são leitores esplêndidos, e é muito bom escrever para vocês. Fico contente de ver aqui um bando de garotos leitores, que desmentem a afirmação de que “o jovem brasileiro não lê”. É uma mentira. Aqui está um bando de jovens brasileiros maravilhosos, que leem porque gostam, e isso alegra o nosso coração. Eu gosto de fazer o que os outros querem. Existe uma ilha que se chama Traprobana, que aparece em *Os lusíadas*, de Camões, portuguesa. Pensava-se que esta ilha estava nos mapas, mas depois se descobriu que nunca existira, ou seja, aparece numa porção de livros, mas, na verdade, nunca existiu. O poema se chama “Minha ilha maravilha”, que vou declamar para vocês.



Na ilha de Traprobana eu era um cara bacana
Tinha uma casa e um cavalo, quatro noras e um vassalo
Uma praia, um cão e um gato
Tudo o que é caro e o barato
E ali viveria até agora se eu não soubesse em boa hora
Um detalhe muito triste
Traprobana não existe

Outro poema que vou declamar para vocês diz respeito a muitos que estão aqui, porque muitos têm medo de monstro debaixo da cama.

O monstro escuro

Todas as noites olho e procuro debaixo da cama
O monstro escuro
Só quando dele não tem nem cheiro
Deito a cabeça no travesseiro

Todas as noites leve e fagueiro
O monstro escuro toca a coberta
Pra ver se eu durmo ou se estou desperta
Só quando vê que não há perigo
Deita comigo e dorme seguro

– Li o livro *23 histórias de um viajante* e queria saber de onde você tirou as ideias?

Marina – As ideias vêm de todo lugar, está em todo o lugar; só fica esperando para alguém ir lá e pegar. A ideia que serve para mim pode não servir para você, mas você sempre vai encontrar uma ideia que lhe sirva. O escritor faz isto: está sempre com as antenas ligadas, procurando ideias, ouvindo coisas; depois transforma aquelas ideias em contos, em histórias e faz um livro.

– Você faz contos voltados principalmente para o público adulto. Por que escolheu então o estilo contos de fadas?



Marina – Vejam bem: eu escrevo para adultos, escrevo para crianças, escrevo para jovens, escrevo para todo mundo. Os contos de fada são um gênero para qualquer idade. É uma característica do gênero, porque ele é um tipo de história na qual cada um encontra coisas para si mesmo. Nos contos, o que interessa não é só a história; é o que está por trás da história. Então, os contos de fadas têm de ter muita coisa dentro deles para serem produto bom para qualquer público, para qualquer idade. E os contos de fadas são a literatura mais antiga que temos. Os contos de fadas que vocês ouvem, que leem para as crianças, são muito antigos, muito bonitos; são cheios de significados e cada um pode encontrar neles algo que lhe sirva para entender melhor o mundo.

– O livro *Ana Z onde vai você* representou o que para sua carreira literária?

Marina – Foi muito bom para minha carreira literária e é muito bom para mim. É bom que os livros sejam bons para o autor. Em *Ana Z* coloquei muitas coisas distantes e próximas da minha vida. Por exemplo, ela vai para a África, onde nasci. Quando fiz ela viajar, levei-a para a África, porque é onde nasci. Então, é um livro que me deu um prazer enorme de fazer e que fiz por outra razão: sempre fui uma criança leitora, li a vida inteira, mas só encontrei heróis homens, aventura de homem. Eu queria escrever um livro que não tive para ler, escrever para mim mesma, para ter este livro para ler, contando as aventuras de uma menina. Foi assim que escrevi *Ana Z*. Foi muito bom, porque conquistou muitos prêmios, mas, principalmente, porque eu queria dar de presente às meninas leitoras uma heroína, uma personagem feminina, corajosa, valente, que vai pelo mundo abrir os seus caminhos.





Heloisa Prieto – Eu comentei com a Luciana e com o Domingos que ia ficar emocionada quando entrasse aqui. E eu estou mesmo emocionada. Então, vocês me desculpam se eu errar alguma coisa na hora de contar as histórias. Em vez de falar de mim, eu queria contar uma história para vocês, uma história de terror. Quando eu era pequena, meu pai queria que eu fosse menino, ou seja, não queria que eu fosse menina. Então, ele me criou feito um menino. Ele falou assim: “Você quer andar a cavalo, vai andar a cavalo. Você quer andar com os caminhoneiros da fazenda, pode andar com os caminhoneiros da fazenda.” Então, eu ficava na fazenda do meu avô ouvindo histórias à noite com o pessoal que carregava as coisas com os caminhões. E um caminhoneiro me contou uma história, que vou contar a vocês. Uma noite ele estava andando numa estrada deserta, morrendo de sono. De repente um menino pediu carona. Ele pensou: “Ih, nunca dei carona para menino em estrada, não. Vai saber quem é aquele garoto. A cara dele é



boa, mas se ele não for do bem?” Porém, ele estava morrendo de sono e resolveu estacionar o caminhão e dar carona, para não dormir. O menino chegou perto e falou: “Oi, tio, tudo bom?” “Para onde você vai menino? Por que você está pegando carona no meio da noite?” Ele respondeu: “O ônibus em que eu estava quebrou, então eu vim andando um pedaço. Posso ficar com o senhor, tio? Não se preocupa não, eu sou do bem, não vou fazer nada.” E o menino foi entrando no caminhão. De repente o menino virou e falou assim: “Tio, eu tô com medo.” “Medo do que menino? Cala a boca.” “Medo daquela velha da encruzilhada.” “Que velha é essa?” “É a vovó Maria, tio, me contaram.” “Fica quieto, cala a boca já, porque você não vai me contar nada. Eu estou guiando e tenho que ficar concentrado.” “O tio tem medo de fantasma, né?” “Não tenho, não.” “O tio está ficando com medo de mim.” “Não tô não.” “Então vou contar.” “Ah, vai moleque, conta.” “A velha da encruzilhada persegue caminhoneiro. Ela entra, deixa o cara com bastante medo, faz o cara bater o carro na estrada e depois o resto da vida ela persegue ele, até ele largar de ser caminhoneiro.” “Ô, menino, fica quieto que eu não gostei disso. Vamos continuar guiando.” Continuam guiando, de noite, de repente, lua cheia. Adivinha o que aparece no meio da encruzilhada? Uma velha, sem dentes, o cabelo voando. Ela abre os braços no meio da encruzilhada: “Pare o carro, pare o carro.” O menino grita: “O fantasma!” O tio foi tentando brecar, o caminhão deu cavalo de pau, abriu as duas portas, todo mundo caiu deitado, o tio desmaiou e o menino também. Daqui a pouco, quem é que acordou primeiro: o adulto ou o menino? O adulto se levantou: “Ai, meu Deus, estou vivo. Deixa eu me apertar.” Foi andando: “Cadê o menino. Ai, meu Deus!” O menino estava desmaiado. “Ai, será que o menino morreu?” Vocês



acham que o menino morreu? Foi lá, pegou o menino, e ele falou: “Tio, tio, e a velha?” “Cale a boca, menino.” Daí o menino falou assim: “Tio, você tem mais medo que eu.” “Não tenho, não.” “Vamos procurar a velha.” “Que velha? Aquilo não era nada, era só visão.” “Não, tio, tinha uma velha no meio da estrada.” Procuraram, não acharam ninguém. Entraram no caminhão, começaram a andar na estrada. Passa um tempo, passa outro, a lua vai, de repente eles ouvem assim: tec., tec., tec. O menino diz: “Tio, tem um barulho atrás na caçamba.” “Tem, não, menino, cala a boca.” “Tio, estou ouvindo barulho.” “Fica quieto.” Aí, o barulho pupupupu. “Tio, olha pelo espelho retrovisor.” “Não olho, não.” “O tio tem medo.” “Eu não tenho medo, não. Vamos olhar junto.” Quando os dois olharam, a velha estava na caçamba, o cabelo voando, de boca aberta, sem dentes. Os dois pararam o carro. O que vocês acham? Vocês desciam para olhar? Pois é, a velha batia no vidro, e o tio acelerou, acelerou, até que parou num posto de gasolina. Pararam e veio o frentista. Quando o frentista chegou, o tio falou assim: “Olha o que está lá atrás.” O tio olhou e disse: “Trouxe a velhinha? É uma velhinha, ela está tão feliz.” Os dois tremendo. “Por que ela está feliz?” “A velhinha está dizendo que vocês salvaram a vida dela. Ela é tão boazinha. Ela diz que a vida inteira ela vai dar sorte para você.” O caminhoneiro: “Tá louco, tá louco!” “Como ela se chama?” “Vovó Maria.” Essas eram as histórias que eu ouvia. Em vez de ficar falando de mim, achei mais gostoso contar uma história para vocês, que é como foi a minha infância. É por causa dessas histórias que virei escritora e estou aqui com vocês hoje.





Domingos Pellegrini – Quero convidar vocês a matar – não precisa ser agora, mas ao longo da vida – as duas maiores doenças da humanidade: a vergonha e o medo. Quando você tem vergonha e medo, é um prisioneiro de si mesmo. Você se tolhe, você encolhe, você deixa de aproveitar a oportunidade, deixa de tomar iniciativa, você vive limitado. Você é menos você. Agora, convido vocês a me acompanharem num poema chamado “Delícias de verão”. Estamos no inverno e vamos lembrar o verão. Na hora em que eu falar “ter saudade”, vou perguntar, saudade do quê? Para quem adivinhar e disser a palavra, eu dou o livro de presente.

Delícias de verão

A brisa enchendo de repente a camisa.
No meio do caminho aquele caldo de cana geladinho.
Num calor, num calor do cão, abri a janela do lotação.
Escolher sorvete, sentar na sombra e derreter-se.
Visitar, visitar um menino ou a menina que você era, na piscina.
Deitar tarde, acordar cedo sem medo anoitecer.
Colher no fruto a cor, o cheiro, o sabor, o suco.
Chuva de chuveiro, azul de azulejos, férias no banheiro.



Você está no meio da cidade, naquele calor. Então, você vê uma nuvenzinha no horizonte, e ela vem, vem crescendo, até virar uma nuvem que sombreia o dia, ao meio-dia e meia. Então, a tempestade fecha o céu e varre a cidade. De novo, a tempestade fecha o céu e varre a cidade. Aí você chega em casa, pega uma tigela, uma faca e uma bela jaca. E você tem o perfume das floradas, roupas úmidas, poente quente, mas fresca alvorada. E agora, chegou naquela palavra, que alguém vai adivinhar. E no calor do inferno, num calor do inferno, enquanto a tarde arde nos telhados, ter saudades do quê? Do inverno? Nossa, eu só trouxe um livro.

– No que você se inspirou para escrever *A árvore que dava dinheiro*? Também queria saber se você se inspirou em alguém para fazer esse personagem?

Domingos – *A árvore que dava dinheiro* é um livro que escrevi depois de ter lido *Histórias da riqueza do homem*. As ideias vêm da observação da realidade, de se prestar atenção nas coisas; vêm daquilo que escutamos e também daquilo que lemos. O livro *As histórias da riqueza do homem* fala sobre os ciclos econômicos do mundo, a economia de troca, a economia de serviços, o comércio, a indústria, no que me baseei para escrever *A árvore que dava dinheiro*. Tem um personagem no livro, o bêbado, que é uma pessoa que conheci.

– Fizemos um trabalho sobre o seu livro *Meninos no poder*. Queria saber qual foi sua inspiração para fazer este livro?

Domingos – Eu acho que no momento em que o Brasil tiver um povo menos cordeiro, cordeiro como está na bandeira, “ordem e progresso”, o país vai dar um salto de



desenvolvimento. A minha contribuição através da minha literatura é constante. Faço uma literatura voltada para a ética, e uma das coisas que mais me preocupa é o ambiente eleitoral. Nas eleições já vemos que os políticos mentem tanto, usam tantos estratagemas, truques, que, quando se elegem, já estão comprometidos. Então, foi isso que me inspirou a escrever *Os meninos no poder*. Agradeço a quem leu este livro e espero que vocês venham a formar uma geração mais exigente, mais cidadã, porque não existe país no mundo onde o povo pague mais impostos do que nós, embutido em tudo o que compramos, desde a luz, o dente-frício, a água, tudo. Tudo o que comemos, o que a usamos, tem imposto. Nós temos de exigir retorno público em bons serviços públicos para compensar essa sangria que vivemos dia-a-dia.

– Qual foi sua inspiração para escrever *Negócios em família*?

Domingos – *Negócios de família* nasceu quando meu sogro foi viajar para o Mato Grosso visitar uma fazenda, mas na estrada dormiu no volante; então, o carro voou numa ribanceira, ele caiu lá embaixo e morreu. E morreu levando uma pessoa junto, um mendigo, esses de estrada que pedem carona, que não tinha nenhum documento. Então, dois cunhados meus que foram buscar o corpo saíram achando que voltariam dali a 12 horas, porém voltaram quase setenta horas depois, mais de dois dias, porque tiveram de enfrentar toda aquela burocracia, aquela cobiça das pessoas que querem se aproveitar da família. Até hoje, em muitas cidades onde não há serviço público municipal, existe um jogo das funerárias querendo pegar as famílias e se aproveitar, quer dizer, é uma coisa triste você morrer



e ser explorado até na hora da morte. Então, o que me inspirou foi esse fato.

– *Os meninos no poder* foi para mostrar para os jovens os trâmites de uma eleição, ou uma forma de você mostrar sua indignação em relação à política brasileira?

Domingos – Escrevi o livro exatamente para mostrar isto mesmo: a indignação em relação à política e os trâmites para o jovem. Quis passar para vocês o conhecimento sobre uma eleição. Trabalhei em quatro eleições como redator, às vezes como coordenador, e vejo que uma eleição é uma oportunidade ótima de o cidadão se comportar bem, mas também de se corromper. Quando a pessoa se comporta bem, todo o mundo ao seu redor começa a tomar cuidado e a também se comportar bem. Ao contrário, quando é, por exemplo, coordenador de campanha ou candidato e começa a se comportar mal, todo o mundo começa a se comportar mal. Então, temos de tomar cuidado e vigiar as eleições, fiscalizar, participar das eleições, para que sejam bem feitas, sejam honestas e elejam homens honestos. Vocês puderam ver na epígrafe do meu livro uma frase de Platão que diz que o castigo dos homens honestos que não participam da política é ser governado pelos desonestos eleitos.





Leusa Araújo – Sou de São Paulo e é a primeira vez que venho para o sul. No ano passado foram lançados dois livros meus: *A cabeleira de Berenice* e *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*. Queria falar um pouquinho sobre o que esse dois livros têm em comum. Hoje nós estamos aqui conversando abertamente, e estou muito emocionada de ver esse espaço nas escolas. Exatamente por isso eu quis escrever *A cabeleira de Berenice*. Eu frequentei uma escola muito diferente da escola que vocês têm hoje. Estudei nos anos 70, na época da ditadura militar. Era uma escola fechada, onde não era possível falar o que se pensava e vários professores foram afastados. Então, não tenho boas lembranças. Claro que tenho muitas alegrias, mas não fui tão feliz na vida escolar. Então, *Berenice* foi uma maneira que encontrei de falar que a vida na escola pode não ser tão boa, quando um aluno sofre a rejeição dos seus colegas. Acho que a escola mudou, pois hoje temos uma escola muito mais aberta, mas os alunos continuam praticando certas violências, como, por exemplo, apelidar um amigo, discriminar pela cor, não aceitar uma pessoa



que venha de outro lugar, enfim, queria muito que vocês, através da *Berenice*, pensassem seriamente sobre a questão do preconceito, sobre como pode ser estragada a nossa vida quando nos sentimos rejeitados na escola. Então, o preconceito é uma questão que me comove muito. O mesmo ocorreu quando me falaram para fazer um livro sobre tatuagem. Pensei nas pessoas que tinha conhecido que demonstravam ter muito preconceito em relação a uma tatuagem. Pesquisei durante dois anos para descobrir um pouco da história da tatuagem, para entender por que algumas pessoas são tão contra e por que algumas são tão a favor. Então, queria deixar para vocês esta provocação: sempre perguntem, nunca repitam uma coisa que vocês não sabem de onde vem. Não julguem uma pessoa porque ela é de um estado diferente do seu, seja um baiano, seja um alagoano. Respeitem o outro, aceitem que nós somos muito diferentes uns dos outros.





Nilma Lacerda – Saibam da minha alegria por estar aqui vendo tanta gente mobilizada para o contato com a literatura, para o contato com a arte. A literatura que eu faço é uma literatura que procura realmente desacomodar as pessoas, incomodar, chamar a atenção delas para o que elas podem significar no mundo. Procuro chamar a atenção do meu leitor, da minha leitora, para o fato de que o mundo não está pronto, o ser humano não está acabado, e nós precisamos ir decidindo sobre que tipo de pessoas queremos ser, que vidas queremos construir. Muitas vezes acho que minha obra necessita realmente de bastante trabalho, como é o próprio trabalho da literatura. Eu sou do Rio de Janeiro e escrevo porque é a maneira que encontro de lidar com as questões da vida, de ir elaborando as minhas respostas para as perguntas sobre a existência.





Meshack Asare – (tradução da fala do autor). Ele está agradecendo o convite e a oportunidade de estar aqui conosco e dizendo que não vai ficar falando com vocês agora sobre ele. Diz que, se vocês quiserem descobrir mais coisas sobre ele, podem descobrir na internet, ou nos livros. O que ele vai fazer agora é nos contar uma história da África. Meshack vem de Gana, que é o seu país, e a história é de um caçador que tinha três filhos muito inteligentes. Esse caçador foi para a floresta caçar, mas passaram-se muitos dias e ele não retornou. Com o passar do tempo, as pessoas esqueceram o caçador. Um belo dia, o filho mais novo do caçador perguntou para a mãe se o pai não voltaria mais. Por causa desse questionamento, os outros filhos se organizaram e foram para a floresta procurar o pai, encontrando só seu esqueleto no chão. Então, o segundo filho disse: “Vou reunir todos os ossos, tenho alguns poderes mágicos e vou conseguir colocar de novo a pele, os músculos, organizar de



novo esse esqueleto para que o pai passe a ser o que ele era.” Fez isso, mas não houve resultado. O terceiro filho disse: “Eu sei fazer ele voltar a viver de novo.” Assim, pegou aquele corpo, o esqueleto com a pele, e soprou, enchendo-o de ar, como o que ganhou vida novamente. Vivo outra vez, o pai disse: “Estou aqui novamente graças a vocês e tenho um presente que darei apenas para um, para aquele que contribuiu de forma mais significativa para que eu voltasse a viver.” Qual dos três deve ganhar o presente? Vamos fazer uma votação: quem acha que foi o filho mais novo? Quem acha que foi o segundo filho? E o último, o terceiro, aquele que deu vida? Meshack está cumprimentando vocês como os mais inteligentes de todos, porque verdadeiramente foi o primeiro filho, porque foi ele quem perguntou pelo pai; se ele não tivesse perguntado, nada teria acontecido.

– O seu livro retrata o preconceito. Gostaria de saber se você vivenciou algum tipo de preconceito?

Leusa – Não só presenciei, como vivi também. Mas presenciei mais do que vivi, na escola mesmo. Uma coisa que marcou a minha vida foi que eu tinha um amigo com dificuldade de fala, pois não falava os “rr”. Então, a própria professora imitava-o na sala de aula, e as crianças riam muito dele. Por incrível que pareça, eu também sofri por ser CDF, e até hoje existe esse preconceito. O garoto que estuda muito é visto como menos interessante. Gostaria que vocês percebessem que, na verdade, nós, todos os dias, podemos ofender, machucar, chamando alguém de gordão, de magrelo, ou criando apelidos para as pessoas. Nós sobrevivemos a isso quando pai e mãe gostam de nós, mas algumas pessoas sofrem a vida inteira por sofrerem preconceito.



– O que motivou você a escrever *Estrela de rabo*?

Nilma – O que me levou a escrever foram exatamente algumas questões da existência. Na verdade, é a dor de viver, as questões da vida, as angústias, mas também, a alegria da vida, a alegria de me reconhecer humana; são essas coisas que me levam a escrever literatura. O livro *Estrela de rabo* aconteceu de uma forma muito interessante. A minha filha mais velha me trouxe a revista *Elle*, uma revista feminina, e disse que havia lido na revista uma reportagem da qual eu iria gostar, “Vidas de sobras”, que contava a história de uma família que vivia num grande lixão de São Paulo. Aquilo me comoveu de tal maneira que comecei a pensar no que sente um menino vivendo no lixão, que é o caso do personagem Joneston.

– Quería saber se você gosta ou o que você sente quando as pessoas vêm pedir um autógrafo ou para elogiar o seu trabalho?

Nilma – Muito legal tua pergunta. A gente escreve numa solidão muito grande. Eu, por exemplo, quando estou escrevendo, não consigo imaginar o rosto de quem estará me lendo daí algum tempo. Não posso ter uma ideia se meu leitor vai gostar, se não vai, se vai achar legal. Quando alguém elogia, isso me faz muito bem, me dá muita força, porque o dinheiro que ganhamos como escritor não é muito. Escrevo também porque não sei fazer outra coisa para poder trabalhar minhas dores. Então, me dá um alimento muito grande. E o autógrafo é realmente um pedacinho do escritor, o símbolo mais forte do escritor.

– Esse ano foram lançados vários livros que se tornaram *best seller*, como, por exemplo, o sétimo livro do Harry



Potter. Como é para um escritor brasileiro essa concorrência tão pesada com livros estrangeiros?

Nilma – É difícil e é fácil. Eu só escrevo aquilo que absolutamente é importante para mim. Então, essa concorrência não faz parte das minhas dúvidas, das minhas questões, porque as minhas questões estão na arte do que escrevo, na arte que faço.





Luís Dill – Eu vim para a Jornada para falar do *O punhal de Jade*, livro que escrevi há algum tempo, uma novela policial para um público jovem. Tenho 16 livros, e a minha memória é péssima. Então, eu não saberia de cabeça lembrar um trecho, mas posso dizer uma poesia de um livro meu. Chama-se *Arca de haicais* – “haikai” é aquele poema em japonês bem curtinho. É um livro infantil com trinta poemas, nos quais apresento trinta bichos. Vou recitar um, que diz assim:

o gato jura
que até na lua
se dependura.





Elisa Lucinda – Não sei se vocês têm consciência disso, mas vocês participam ativamente do maior evento literário do país e, talvez, do mundo. Por quê? Porque muita gente acha que leitura e literatura é coisa chata e os eventos acabam ficando chatos. Dessa vez, não. Passo Fundo traz aqui nas Jornadas o livro para o circo, o livro para a rua, o livro para o comércio, o livro para os alunos falarem com os pais em casa, enfim, é uma festa na qual a literatura deixa de ser uma coisa parada para ser uma coisa viva. Eu vou registrar, sim, vou escrever uma crônica para registrar esse momento e eternizá-lo. Tem um poeminha do Mário Quintana que fala do ofício de nós, escritores, nós poetas, que escrevemos, enquanto, às vezes, a humanidade está dormindo. Então é um poeminha assim:



Na minha rua há um meninozinho doente
enquanto os outros partem para a escola
junto à janela sonhadoramente
ele escuta o sapateiro bater sola
e ouve também o carpinteiro em frente
que uma canção napolitana engrola
e pouco a pouco, gradativamente,
o sofrimento que ele tem se evola
mas nessa rua há um operário triste
não canta nada na manhã sonora
e o meninozinho nem sonha que ele existe,
pois ele trabalha silenciosamente
e está compondo esse soneto agora
para alminha boa do meninozinho doente.

– O que levou vocês dois a escreverem juntos?

Luís – Acho que foi a burrice, porque as coisas que eu tentei fazer não ficavam tão boas. Eu falava que não estava legal. Depois que conheci José Roberto e iniciamos a parceria intelectual, o trabalho ficou melhor. Então, abdi-quei dessa vontade de ser um autor individual, pelo menos até agora, porque o resultado tem ficado melhor quando se faz o trabalho em dupla. Então, no meu caso, foi burrice mesmo, incompetência, e em parceria essa burrice aparece menos.





José Roberto Torero – Boa tarde! Eu nasci em São Paulo, sou jornalista. Escrevo roteiros para televisão, para o cinema, também escrevi peças de teatro. Faço crônicas para o jornal e tenho vários livros publicados. Alguns livros eu sei que vocês leram e, então, estou aqui para responder às perguntas de vocês.

Em qual pessoa você se inspirou para fazer as suas obras?

Luís – Costumo dizer sempre que os meus livros, todos eles, são inventados. Imagino a história e uso a criatividade, mas sempre todos eles, sem exceção, têm algumas coisas de verdade. Uma pessoa que conheci, ou um sonho que tive, alguma coisa que li, sempre um pouquinho da vida real entra nas histórias. Então, algumas pessoas que conheci entraram nos livros. No livro *O punhal de Jade* não me lembro de nenhuma pessoa especificamente que te-



nha conhecido, que tenha entrado na história, mas o lugar onde se passa a história existe.

– No que você se inspirou para escrever *O punhal de Jade*?

Luís – Eu queria escrever uma novela policial para o público na faixa etária de vocês. Imaginei coisas bem diferentes. Começa o livro com um cara dormindo, tranquilo. Então, alguém bate à porta desesperadamente, é uma mulher. Assim começa o livro. A partir daí eu fui me perguntando: Quem é essa mulher? Quem é esse guri que estava nessa casa? Onde é essa casa? A cada pergunta que eu fazia para mim mesmo, usava a minha criatividade e a minha imaginação para responder, e assim lentamente foi nascendo o livro. Tudo isso aconteceu antes de eu começar a redigir o texto. Mas é um trabalho, não uma inspiração, que cai na tua cabeça, de graça.

– Como você se inspira para fazer as obras e de onde tira a ideia para fazer poesia?

Elisa Lucinda – Tudo me inspira muito, qualquer coisa pode ser objeto de poesia, desde que toque o meu coração. Mas queria chamar a atenção de vocês para uma coisa interessante. Luís estava falando do trabalho do escritor, da inspiração. Por exemplo, eu me inspiro no que está acontecendo aqui, posso querer fazer uma homenagem ao professor. Esse poema pode sair pronto, mas pode também ter de ser revisto muitas vezes até ficar pronto. Então, concordo com ele. Tem todo um trabalho para fazer, mas é um trabalho gostoso, porque gostamos de fazê-lo. Eu preciso parabenizar os professores que fazem esse trabalho com vocês, que orientam o trabalho com a leitura, dentro e fora da sala de aula. Também acho que, como não exis-



te nenhuma profissão sem passar pelas mãos do professor, professor é a profissão mais nobre do mundo.

– Gostaria que você contasse um pouquinho da história de *Pequenos amores*, que vai contando umas pequenas histórias de amor que acontecem no dia-a-dia?

Torero – Vou contar rapidamente como nasceu o livro. Eu trabalhava numa revista e fazia avaliações de restaurantes. Então, em cada restaurante que eu ia ficava olhando as pessoas e começava a inventar histórias para os casais que estavam ali perto. Fui juntando todas e, de 150 histórias, depois do corte, restaram só cinquenta. Coloquei todas numa só cidade e deixei as histórias interligadas. Essa que é a arquitetura da coisa.

– Queria saber se algum conto do livro *Pequenos amores* aconteceu na realidade?

Torero – Não, acho que nenhum. São todos inventados mesmo, mas alguns são baseados em coisas que acontecem mesmo, como o desgaste do amor, traições, etc.

– Em que você se inspirou para escrever *Naná descobre o céu*?

Torero – Fiz uma coleçãozinha com três livros, cujos personagens são de origens diferentes. Eu queria fazer a história de um branco, de um negro e de um índio. Eu acho muito bacana a história das Missões aqui perto, que é um negócio meio doido. Vejam: chega um jesuíta, que muda a ideia de todo mundo da aldeia, dizendo que tudo que é diferente está errado, como o jeito de morar, o jeito de comer, o jeito de vestir. Era essa história que eu queria contar. Como é que chega um cara, um jesuíta, e muda a história de todo mundo. Eu queria contar a história de um índio, e a história de índio bacana que achei foi a história das



Missões. Também estudei bastante as Missões e tal para fazer o livro.

– Se você não fosse escritor, o que seria?

Torero – Acho que gostaria de ser jogador de futebol. Eu até tentei, mas não passei no teste. Assim, me tornei escritor mesmo.

– De todos os poemas que você já escreveu, qual deles tem mais a ver com você?

Elisa Lucinda – Todos têm a ver comigo, eu acho. Mas tem um poeminha que tenho usado como se fosse uma reza. Eu sou assim, quem me olha acha que sou uma pessoa meio desligada, que sou meio doidinha. Então, escrevi um poema chamado “Deus modalidades”, que está no meu livro *A fúria da beleza*.

Quando caminho assim no colo do dia fresquinho,
novinho em folha,
com um céu azul e música de passarinho,
quem olha não vê quem me leva,
quem olha pensa que é o vento que me levou,
ninguém conhece minha reza,
é no colo de Deus que eu vou.

Uma coisa importante que eu estava ouvindo, o Luís falar e conversei com vários escritores nesta Jornada é o que acontece aqui no Rio Grande do Sul, que não acontece nos outros estados. Os escritores do Rio Grande do Sul são lidos no Rio Grande do Sul e pelo Rio Grande do Sul. Isso não acontece no restante do Brasil. Sou escritora, moro em Vitória, Espírito Santo, mas, se eu não tivesse ido para o Rio de Janeiro, ninguém conheceria meu trabalho. E o Rio Grande do Sul é maravilhoso nisto, em fazer com que os gaúchos leiam os seus autores. Vocês são privilegiados.



– Estudamos bastante o seu livro *A fúria da beleza* e percebemos que a sua vida está cercada pelos vários tipos de arte; por isso você é uma pessoa admirável. Eu queria saber o que seria de você sem a magia da arte?

Elisa Lucinda – Quando eu era pequena, em 1964, tinha quatro anos, esse período foi de ditadura no Brasil. Então, era tudo muito reprimido; até os pais reprimiam muito em casa. As crianças eram menos respeitadas, nunca se podia namorar se não fosse com o irmão do lado. Mas eu sempre fui muito revolucionária nas minhas posições, nunca gostei de opressão. Também sempre fui uma lutadora por uma vida melhor para todo mundo. Então, a poesia serviu para eu poder dizer tudo o que penso sobre o negro no Brasil, sobre a mulher, sobre o operário, sobre o sentimento feminino, sobre as relação entre homem e mulher, sobre tudo o que eu acho. Desse modo, se não fosse a poesia, eu talvez fosse uma pessoa louca no sentido ruim, uma pessoa que não iria suportar tamanha efervescência dentro do peito. Não fosse a arte, talvez eu nem estivesse aqui.

– Queria saber o que você quis dar de exemplo com o livro *O órfão famoso*?

Elisa Lucinda – *O órfão famoso* fala do erro. Que acontece com o erro? Todo mundo sabe. O erro é muito conhecido, muito famoso, porém não tem pai nem mãe; por isso, órfão famoso. O livro é de adivinhação, e vamos tentando descobrir qual é o erro. Fiz este livro pensando que o erro é o irmão do acerto, porque muitas vezes pelo erro chegamos ao acerto. Fez a conta, errou; fez de novo, conferiu, acertou. É assim.





Spacca – Fantástico estar aqui com vocês; é um negócio muito emocionante mesmo. Eu sou um autor desenhista, faço histórias em quadrinhos. Fiz esta biografia em quadrinhos chamada *Santo e os pais da aviação*, que conta a história de Santos Dumont e de outros malucos que se dedicaram a criar aviões e máquinas aéreas. Também fiz essa história sobre Debret, pintor francês que veio para o Brasil e retratou o tempo do Brasil Império. Já desenhei e trabalhei em vários setores, como fazendo cartum jornal, charge política, desenho animado. Agora tenho a sorte de trabalhar numa coisa que eu adorava desde criança: histórias em quadrinhos. Por enquanto, é isso.





Leticia Wierzchowski – É muito legal estar aqui com vocês hoje conversando sobre livros, histórias. Tenho 35 anos, já escrevi vários livros; faz dez anos que edito livros, e vim falar com vocês sobre ele, *O dragão de Wawel e outras lendas polonesas*, que, creio, vocês andaram estudando na escola. Sou de origem polonesa, e foi por isso que escrevi este livro, para contar um pouquinho da história da Polônia para as pessoas que vivem aqui no Brasil. Nós vivemos aqui no sul do Brasil, uma região cheia de imigrantes. Alguns de vocês devem ser descendentes de alemães, italianos e alguns também de poloneses. A colônia polonesa está muito pertinho daqui, em Erechim, mas se conhece bem pouco da história da Polônia. Foi assim que tive a ideia deste livro, que não foi feito só por mim, pois também trabalhou nele uma outra moça chamada Ana, que é da Polônia mesmo e veio morar no Brasil. É um prazer estar aqui com vocês.





Roseli Ventrella – É um prazer muito grande estar aqui com vocês. É a primeira vez que venho para Passo Fundo, mas estou verdadeiramente emocionada. É muito gostoso ter nossos leitores aí para conversar. Spacca disse que é um desenhista que virou escritor; eu sou professora que virei escritora. Então, toda a minha vida profissional foi dedicada ao ensino de arte. Durante 25 anos trabalhei com jovens e adolescentes e, hoje, aposentada, trabalho na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, mas dedico o meu trabalho mais à conversa e ao estudo com os professores. Hoje já não tenho tanto contato com aluno, por isso é muito legal estar aqui com vocês. É uma oportunidade, novamente, de estar junto com o aluno. Quando me afastei da sala de aula, resolvi colocar minha prática de sala de aula, todos os trabalhos que eu havia desenvolvido com os meus alunos, numa coleção de livros didáticos.



Dos livros didáticos, passei para os paradidáticos. Numa conversa com os artistas e com professores das demais disciplinas do currículo, decidimos trabalhar sobre Alex Fleming, com Frans Krajcberg. Em breve, teremos mais um lançamento, uma conversa entre arte e matemática. Eu adoro o que faço e quero continuar sempre trabalhando e escrevendo sobre arte para vocês.

– Com qual história você mais se emocionou?

Roseli – Com uma história contada por Frans Krajcberg. Ele contou que, quando chegou ao Brasil e foi visitar a Amazônia, ficou muito impressionado com as queimadas que presenciava, que encontrava. Segundo Frans, os troncos de madeira queimados tinham muita semelhança com os corpos calcinados da guerra da qual ele participara. Então, ele disse que fazia essa relação. Mas ele pensava que era muito mais triste essa situação do ser humano destruir a natureza, de causar destruição em todo o planeta. Então, essa relação que ele fez das árvores queimadas com os corpos calcinados me emocionou muito.

– O que o motivou a fazer histórias em quadrinhos?

Spacca – Sempre tive muito prazer, foi muito gostoso ler histórias em quadrinhos. As histórias em quadrinhos da Mônica, do Tio Patinhas, Asterix e mais um monte de quadrinhos. É praticamente o prazer de devolver ao leitor aquilo que recebi. Procuro fazer histórias para que o leitor se sinta assistindo a uma grande aventura. É isso que me motiva.

– Qual foi o motivo que a levou a escrever sobre Fleming?

Roseli – O motivo que me levou a escrever o livro sobre Fleming foi o mesmo que me levou a criar a coleção,



que se chama “A arte com texto”. Eu gostaria que as pessoas, quando lessem esses livros, entendessem que a arte contemporânea não é um bicho de sete cabeças, mas que ela pode ser lida, entendida, apreciada, admirada. Também quis mostrar que a arte está em todas as disciplinas; que tanto ciências, matemática, história, geografia, todos os conteúdos, têm uma relação com o ensino de arte. Assim, quis mostrar que o ensino de arte tem de ser muito considerado e valorizado. Minha preocupação sempre foi esta: a valorização do ensino de arte, principalmente.

– Eu queria saber no que você se inspirou para escrever o livro *Santô e os pais da aviação*?

Spacca – Quando tinha 15 anos, fui a um museu em São Paulo, no parque do Ibirapuera, onde havia aviões, uma réplica do 14 Bis, balões, objetos pessoais de Santos Dumont. Fiquei maravilhado com tudo aquilo e comprei um livro na saída, no qual havia algumas ilustrações. Como passei a trabalhar depois com desenho animado, em propaganda, achei que um dia poderia fazer um filme de desenho animado com Santos Dumont. Santos Dumont é um personagem interessante, baixinho, cabeçudo, bigodinho, isso me motivou. Acho também que os quadrinhos são uma experiência bacana, porque neles aparecem personagens históricos reais, como Júlio César, Cleópatra e tal, criando uma fantasia. É um trabalho de humor, basicamente. Gosto do trabalho com desenho de humor.

– Para ser escritor você se inspirou em alguém ou teve uma ideia do que seria melhor para tua profissão?

Spacca – Estudar a biografia de alguém é um trabalho sem fim, a pesquisa é enorme. Então, muitos fatos históricos vistos em livraria, internet têm de ficar agradáveis, têm de ficar de um jeito legal em quadrinhos. Dois dos



autores nos quais me inspirei para enfrentar esse desafio foram os biógrafos Rui Castro, que escreveu as biografias do Garrincha, do Nelson Rodrigues, e Fernando Moraes, que escreveu a biografia de Chatô e outros personagens. Mas basicamente me inspiro, por exemplo, em filmes.

– Qual foi o desenhista que você pegou como exemplo para fazer os seus desenhos?

Spacca – Tem um desenhista Disney chamado Karl Backs, que foi quem inventou o Tio Patinhas. Portanto, o Tio Patinhas não é do Disney, é do Karl, de quando ele trabalhava para o Disney. Foi uma influência muito forte. Já falei do Asterix e acho que, de modo geral, de todos os quadrinhos nacionais, como Ziraldo, por exemplo.

– Se você não fosse escritor, o que você seria?

Spacca – Basicamente, sou um escritor novo, sou um desenhista que aprendeu a escrever, pois faço histórias em quadrinhos. Então, sou um desenhista e estou gostando do que estou fazendo agora, histórias em quadrinhos. Resumindo, estou agora com 43 anos; se eu passar os próximos quarenta anos fazendo quadrinhos, para mim está bom.

– Você leu muitos livros na sua infância?

Spacca – Até que li. Ganhei uma coleção de Monteiro Lobato e acho que, dos sete aos dez anos, eu li toda, inclusive reli alguns livros. Li alguns clássicos populares, livros de aventuras, como *A ilha do tesouro*, *Volta ao mundo em 80 dias*. Tive muita influência também de desenho animado baseado num livro. Tem livros que foram adaptados para o cinema, como, por exemplo, *Mooby Dick, a baleia branca*, do qual vi o filme e li o livro. Eu gostava sempre disso; para mim, essa linguagem de livro em qua-



drinhos se liga muito com cinema. Então, acho que tem coisa muito bacana em livro, cinema, TV, internet. Eu gosto de montar, de ver essas várias linguagens, o modo como se relacionam.

– Qual foi tua emoção de ganhar um Oscar de quadrinhos?

Spacca – O Oscar dos quadrinhos se chama HQMix e é um prêmio dado para quadrinhos do Brasil todo. Recebi alguns prêmios internacionais também. Foi interessante, eu gostei, foram quatro prêmios. Um deles foi para Roteiro, outro para Desenho, outro para Melhor Cartunista e outro para Melhor Álbum. De todos, acho mais importante o de roteirista, ou seja, a parte que se escreve: o roteiro, a história, que foi a parte mais difícil mesmo. Emoção é aquilo que nos deixa sem palavras; então, estou sem palavras.

– Como você resume sua carreira?

Spacca – Minha carreira não terminou ainda, mas como é que eu resumo uma carreira? Se fosse começo, meio e fim, diria que estou no meio. O começo foi aos 15 anos. Eu fazia uma escola de desenho e tinha um colega com 18 anos que trabalhava numa agência de propaganda. Quando ele saiu da agência, me ligou dizendo para eu levar o meu trabalho lá. Eu fui contratado, com 15 anos e, dos 15 aos 19, fui o ilustrador da agência. Essa foi uma experiência bacana, foi uma excelente escola. Eles compreenderam que eu estava estudando; então, eu trabalhava à tarde e estudava pela manhã. Durante esses quatro anos só trabalhei meio período. Foi a formação melhor que eu podia ter, porque tive o melhor da escola e o melhor do trabalho. Eu tive um começo maravilhoso. No meio da carreira eu estou agora, e o fim não sei como vai ser.



– Você tem planos futuros de escrever outros gêneros de livros, romances?

Spacca – Não, gêneros diferentes, não. Quero continuar com histórias em quadrinhos, com biografias, e o próximo projeto é uma biografia do Monteiro Lobato, porque Lobato tem uma vida interessante, como aquela história de procurar petróleo, foi preso, coisas assim. É um projeto antigo também, e acho que vai sair daqui a uns dois anos, uma biografia bastante bacana em quadrinhos do Monteiro Lobato.





Ferréz – Aos manos de bom coração aí, minha firmeza. Hoje nós vamos esquentar essa noite aqui. Sou Ferréz, já escrevi cinco livros, faço parte do grupo de *rapper* de São Paulo. Eu canto com o Facção Central, participei já dos Racionais e de vários grupos da quebrada. No final da palestra, vou ensinar vocês a levar um *rap* aqui.

– Como foi escrever um livro inspirado em pessoas que você conhece? Que mensagem pretendia passar quando escreveu o livro? Percebemos que o título tem a ver com a violência na periferia. Você poderia explicar isso?

Ferréz – Quando tinha oito anos, mais ou menos do tamanho de algumas crianças que estão aqui, meu pai falou que eu não podia sair para fora de casa, porque tinha acontecido uma coisa na porta da minha casa. Eu fui ver o que era: era um cara morto. Foi a primeira vez que vi um cara assassinado na porta da minha casa. Naquele dia, sentei e



escrevi uma história, um pequeno conto. Mostrei para um professor meu dizendo o que eu tinha sentido ao ver o cara assassinado na minha frente. E o professor falou: “Olha, isso aqui não é uma redação; isso aqui é um conto.” Depois disso comecei a escrever, pois acho que despertou alguma coisa dentro de mim. Eu mudei a minha realidade assim que comecei a escrever e a ler. Por quê? Porque eu moro num lugar, até hoje no mesmo lugar, que é muito violento. Mas, através da literatura, pude sair, conhecer outros estados. Depois que sair daqui de Passo Fundo, vou para Paris, depois para a Alemanha. Então, tem vários lugares que comecei a conhecer por causa da literatura, relatando a história do meu povo. Eu acho que o autor tem de estar focado muito no que ele vive também. Eu costumo pensar isso. A literatura imaginativa é uma maravilha, mas a literatura que está na rua, que chamo de “literarrua”, que é a literatura de perna quebrada, do que você está vivendo, também é importante. Eu juntei as duas coisas: a ficção com o lado real. Foi assim que escrevi *Capão pecado*, foi assim que fiz várias letras de *rap* para vários grupos de São Paulo e foi assim que acabei participando deste movimento literário. Foi através da palavra. A palavra me resgatou e hoje conheço muita gente que, através dos meus livros e de outros livros, foram resgatados pela literatura. Depois fiz o último livro, *Ninguém é inocente em São Paulo*, que trata dessa temática também: fala das quebradas, da periferia, de uma realidade que muitos de vocês ainda não vivem, mas que vão viver, porque as periferias vão existir em todos os estados, estão aumentando, este país está virando um país de periferia. Hoje somos milhões de favelas e, se as pessoas não ajudarem o povo a melhorar de vida, logo vamos ter uma guerra social aí.



– Como você pretende mostrar o outro lado da favela? Qual está sendo o retorno nesse sentido?

Ferréz – No começo todo mundo falava que era loucura, que ninguém lê, ninguém está nem aí para nada. Os caras aqui só cantam samba, só cantam *rap*, ninguém quer ler. Falei que faria justamente por isso. Então resolvi fazer um livro que retratasse a quebrada. O livro deu tão certo que comecei a encontrar gente no ônibus lendo, porteiro de prédio lendo. Aí descobri que a periferia só queria ser representada também; queria se encontrar nos livros, se encontrar nas coisas. É por isso que o *rap* e o *funk* fazem tanto sucesso.

Ferréz – Muito bem, vamos pôr fogo um pouquinho aqui. O *rap* surgiu porque os caras do Bronx não tinham instrumento, não tinham guitarra, não tinham violão. Alguém, então, teve a ideia de apresentar o “MC”, o mestre de cerimônias, que é o cara que só com a palavra consegue fazer o *show*, ou seja, não precisa de mais nada, não precisa do pandeiro, não precisa de guitarra, não precisa de bateria, só com a palavra ele consegue fazer o *show*. Com conhecimento você é mais você. Voltando ao *rap*, são dois os instrumentos: o bumbo e a caixa. O bumbo faz bume a caixa é mais forte, faz pa. Então, os dois juntos fazem bum bum, pa, pa... Assim é fácil de rimar.





Dionísio Jacob – Queria dizer que estou muito feliz de estar aqui, pois nunca tinha vindo à Jornadinha. Estou vindo pela primeira vez e estou assombrado com essa receptividade. É tão gostoso ver pessoas lendo, querendo ouvir pessoas que escrevem. Tudo isso é uma coisa muito gostosa. Então, estou muito contente de estar aqui, o que se deve a dois livros meus: *A flauta mágica* e *A fenda do tempo*, livros infanto-juvenis. *A flauta mágica* é um livro que foi escrito com base numa ópera muito famosa escrita pelo Mozart. Toda ópera tem um libreto. Então, esse livro eu fiz com base no libreto dessa ópera. Procurei contar de forma romanceada o que na ópera é cantado. Então, procurei criar os personagens, dar-lhes uma vida um pouco mais humanizada do que na ópera, na qual tudo fica estilizado demais, muito forte. Quando escrevemos uma história, um romance, podemos criar uma coisa mais próxima da nossa



vivência. Então, procurei trabalhar com dois personagens da ópera: o príncipe Tamino e um personagem chamado Papagueno. O Papagueno é um personagem muito divertido, engraçado, que gosta de cantar, de viver, de ser feliz. É um passarinho, que vive livre na mata e gosta da sua liberdade. O príncipe Tamino tem a missão de um dia ser rei, porém precisa encontrar a sabedoria para poder dirigir o seu reino. Esses dois personagens, para mim, têm essas duas coisas que são complementares. Muitas vezes na vida queremos ter uma missão, ter uma coisa importante, fazer alguma coisa da nossa vida, mas também queremos curtir a vida, o momento, se divertir, ser felizes com o aqui e o agora. Então, são dois personagens complementares.

– Gostaria de saber se você teve um grande amor, se você se inspirou nela para fazer alguma história e se você foi correspondido?

Dionísio – Acho que tive um grande amor, que, na verdade, para mim, foi um amor feliz, pois essa pessoa é minha companheira até hoje. Eu não escrevi um livro sobre ela, mas é uma história que me faz escrever livros. Essa companhia é para mim uma complementaridade, dá afetividade à vida, faz com que eu sinta a vida de uma maneira mais profunda e, assim, possa escrever de uma maneira melhor, graças a isso.

– De onde surgiram as mágicas ideias a que a maioria de nós assistiu no *Castelo Rá-tim-bum*?

Dionísio – Eu tive a sorte de participar desses programas, que não são exclusivamente para Ibope, ou para patrocinador. São programas direcionados realmente para o público, como foi o caso do Castelo do primeiro Rá-tim-bum e de todos os outros programas. Nós temos ideias jun-



tos, é um processo muito gostoso. Esses programas sempre foram muito ricos, justamente porque eram equipes que faziam os programas, equipes sintonizadas, com pessoas afins; pessoas mais ou menos com uma mesma formação, uma mesma referência. Então, a partir daí nós nos reuníamos, criávamos, o diretor dava o direcionamento e cada um fazia o seu roteiro. A equipe de pedagogia também opinava. Muitas vezes até se era voto vencido, porque se queria uma ideia, mas a maioria não aceitava. É um processo muito rico.

– O que você acha da poesia na escola e qual seria a melhor maneira de ser trabalhada com os alunos?

Dionísio – Acho que não só poesia como qualquer forma de expressão artística na escola é muito importante. Infelizmente, acho que no Brasil ainda é quase uma decoração. Fui professor de artes na escola e sei que não dá para desenvolver muito em termos de arte. Acho que um trabalho sério em escola em termos de artes não seria naquela aulinha que você tem. Então, deveria haver um período complementar em que cada aluno pudesse desenvolver a sua aptidão artística. Quanto à poesia, é um dado da sensibilidade humana. O homem tem feito poesia desde sempre e através da poesia a sua humanidade fica mais latente. Contudo, a poesia não é só verso, porque a poesia está no fundo de toda a forma artística; qualquer arte é poética num certo sentido. Então, acho que tem de ter poesia na escola.





Santiago Nazarian – Boa tarde! Sou Santiago Nazarian, nasci em São Paulo, escrevo romances, contos, também trabalho como tradutor e roteirista. Edito o *blog Amor & Hemácias*.

– No seu romance *A morte sem nome*, por que você resolveu dar um fim à personagem Lorena a cada capítulo? Por que essa escolha de morte em cada capítulo?

A morte sem nome é o meu segundo livro. Eu acho que não está sendo trabalhado nas escolas. O livro é a história de uma mulher que se mata a cada capítulo de uma forma. No capítulo seguinte, ela está viva para se matar novamente. Como eu disse, eu não sou emo, mas já fui gótico. Então, tenho esse pé na coisa do suicídio, desse lado *noir* da vida. Acho que há muitas pessoas que passam por essa fase de querer se matar, ou pelo menos imaginar: Se eu fos-



se me matar, me mataria como? E nesse livro tem várias maneiras de uma pessoa se matar, no caso uma mulher. Então, acho que é um livro com um exercício masoquista. E a literatura serve um pouco para isso, para você poder viver outras vidas, ou poder viver outras mortes.

– Por que você resolveu ser gótico e não emo?

Santiago – Na verdade, queria ser emo, mas não tinha dinheiro para comprar uma chapinha. Na verdade emo é um termo novo, que nem todo mundo deve conhecer. Emo, na verdade, vem de *emotional hard cord*, que é o som pesado, metal. Quando eu era moleque, com 15-16 anos, ainda não existia esse nome emo. Acho que o mais próximo que tinha era gótico, que são um pouco mais depressivos, não são tão *hard cord*, o som não é tão pesado, é mais depressivo. É um pouco da minha juventude. Obviamente, agora com trinta anos, não faz mais sentido. Mas tenho um passado que não rejeito.

– Eu queria saber se você não se preocupa que seus leitores um dia se cansem do tema morte nos seus livros?

Santiago – Na verdade, não penso muito e não sei o que vai acontecer no meu décimo livro. Mas eu procuro fazer cada livro diferente. Acho que os meus quatro livros são bem diferentes. Os três primeiros têm essa coisa mais depressiva, mais gótica, e o mais recente, *Mastigando humanos*, já não é um livro tão depressivo. Nele há morte, sim, mas eu trato isso de uma maneira mais sarcástica. Eu mesmo canso, me canso de mim mesmo. Então, procuro inovar, me diferenciar em cada livro. Com isso, espero que os leitores não se cansem.





Registro
iconográfico



Espectáculo de abertura - grupo XPTO



Público participante na lona principal



Conversas na lona principal



Conversa com crianças - Ziraldo



Conversa com adolescentes - Marina Colasanti e Ziraldo





Conversa com adolescentes na lona principal - Ferréz



Conversa com crianças nas lonas coloridas



Katia Canton



Domingos Pellegrini





Roseli Ventrella, Letícia Wierzchowski e Spacca



Elisa da Silva e Cunha e Leo Cunha



Crianças fazendo perguntas aos escritores nas lonas coloridas



Shows e espetáculos



Show musical “Quem não dança balança a criança” – Grupo Cuidado que Mancha



Contação de histórias com Mário Pirata





Contaçon de histórias com Celso Sisto



Show musical – AfroReggae – Afro Lata

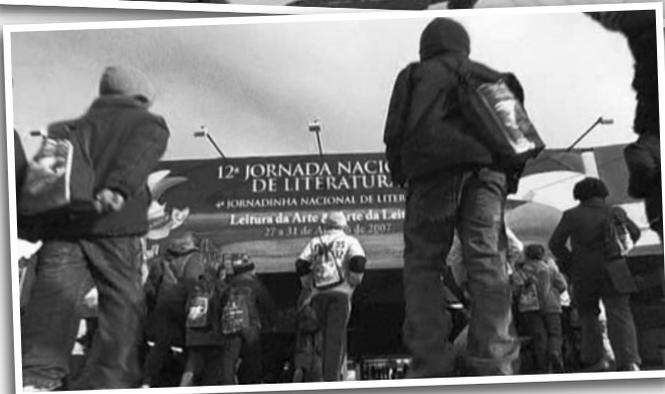




Show musical – AfroReggae – Makala



Público



Crianças chegando ao Circo da Cultura





Crianças no Circo da Cultura no intervalo do almoço



Intervalo do almoço - Visitação ao ambiente de computadores





Crianças nas livrarias no Circo da Cultura





Crianças conversando com Ziraldo na livraria da UPF



Programação paralela



Crianças conversando com Ziraldo no Shopping Bourbon



Conversa paralela com Daniel Galera





Conversa paralela com Caio Riter



Gato Gali-Leu e os Invasores – “Poesias ao pé do ouvido”



Sessão de autógrafos



Elisa Lucinda



Dionísio Jacob





Meshack Asare



Elizete Lisboa



Exposição de trabalhos da Pré-Jornadinha no Shopping Bourbon



Comissão organizadora



Tania Mariza Kuchenbecker Rösing – Coordenadora geral das Jornadas Literárias



Equipe de apoio – Equipe Mundo da Leitura, CIOFF e Jornadetes - 2007





Registro
da imprensa
e internet

Paixão pelos livros em exposição

*Pré-Jornadinha estimulou o gosto pela leitura
dos estudantes do Colégio Notre Dame.
23/08/2007*

Paixão pelos livros em exposição

O contato com os livros, a sua interpretação e a viagem pelo mundo das histórias. Este foi o resultado da Pré-Jornadinha de Literatura, realizada com os estudantes de 1ª e 2ª série do Ensino Fundamental do Colégio Notre Dame – Passo Fundo. A atividade encerrou com uma exposição dos trabalhos feitos nos últimos meses.

Durante a preparação para a Jornadinha Nacional de Literatura, as crianças buscaram curiosidades sobre os autores e leram diferentes obras. Mara Schleder Barbosa, professora da 2ª série, destaca que os exercícios propostos para os estudantes, estimularam a leitura dentro e fora do Colégio. Ela ainda destaca que, na Biblioteca, os livros foram, a cada dia, mais procurados, além de ser possível perceber que as crianças estão trocando idéias sobre os autores que estão lendo. “Esta atividade, de fato, estimulou a leitura. Além disso, vemos que eles lêem com prazer, pois a leitura faz parte do dia a dia de todos”, avaliou.

Os estudantes da 2ª série iniciaram pesquisando curiosidades dos autores e trouxeram suas descobertas para o Colégio, montaram cartazes em grupos e apresentaram para os colegas. Após, as obras literárias foram apresentadas para eles. Assim, fizeram discussões, a releitura do livro e a forma como cada obra trata de sua história.

A 1ª série trabalhou os textos dos livros com atividades artísticas, como desenhos e brinquedos feitos manualmente. Um exemplo de atividade aconteceu com o livro do gato Gali-Leu, onde cada estudante produziu seu gato a partir de materiais reciclados.



FOTOS ASSECOM/ND

Publicado em 23/08/2007.



Escola Antonino Xavier faz Jornadinha interna



Alunos no pátio, professores orientando, pais prestigiando as atividades desenvolvidas pelos alunos da Escola Municipal Antonino Xavier. Há cerca de 15 dias, a escola iniciou o projeto "Emax e Jornada de Literatura unidas com a cultura e a arte". De acordo com a coordenadora do CPA da Escola, Josania Marcondes, fizemos uma jornadinha interna, com o objetivo de homenagear alguns autores da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Foram trabalhados cinco autores: Ziraldo, André Neves, Márcio Vassalo, Marcelo Xavier e Celso Sisto. O jornal Diário da Manhã foi uma constante fonte de informação e conhecimento. Os alunos acompanharam diariamente tudo o que saiu sobre a Jornada.

► Leitura

"Cada professor escolheu uma obra e a adequou ao nível de leitura dos alunos", explica Josania. Depois da leitura, os alunos puderam soltar a imaginação, usar a criatividade e desenvolver seu trabalho. Foram utilizados materiais como papel colorido, jornais, sucata para a confecção dos trabalhos. O jornal foi utilizado para a composição de bolas de futebol, criadas a partir da leitura do livro "O menino da chuva no cabelo", de Márcio Vassalo.

Se a criança governasse o mundo

A 2ª série trabalhou o livro "Se a criança governasse o mundo", de Marcelo Xavier. Segundo a professora Jussara Batisti, depois da leitura, cada criança fez um globo, com bolinhas de isopor e detalhou como seria o mundo deles. "Os pequenos pediram um mundo mais justo, com mais segurança, menos violência e mais qualidade de vida", revela a professora.

QUINTA-FEIRA 23 AGOSTO 2007



Cada criança fez um globo e detalhou como seria o mundo deles



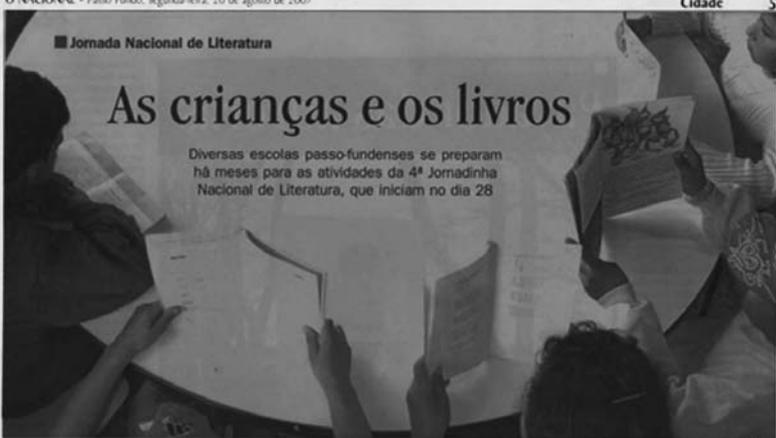
O jornal foi utilizado para a composição de bolas de futebol, criadas a partir do livro "O menino da chuva no cabelo"



■ Jornada Nacional de Literatura

As crianças e os livros

Diversas escolas passo-fundenses se preparam há meses para as atividades da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura, que iniciam no dia 28



DESA, WOLFF, THOMAS

REDAÇÃO ON

A 12ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo está prestes a começar, mas a 4ª Jornadinha já teve seu início há vários meses, com a Pré-Jornadinha, realizada em diversas escolas da cidade. Com a mobilização dos professores, funcionários e alunos aconteceram inúmeras atividades, sempre com o objetivo de despertar o prazer pela leitura e de plantar nos alunos esse hábito tão necessário para a formação

Escola Emav

Na Escola Estadual Nicolau Araújo Vergueiro, a preparação começou há aproximadamente três meses. Foram lidas atividades com diversas turmas, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio. Alcione Jordão, responsável pela preparação da Jornadinha na escola, conta que trabalhou com as turmas da 6ª série o livro *O Imparador amarelo*, de contos e histórias de origem chinesa. Primeiramente, os alunos leram alguns contos e depois realizaram uma

pesquisa sobre a China, passando a conhecer suas imperações, sua arte, arquitetura e filosofia. Após a apresentação dos trabalhos, os grupos escolhem determinadas lendas do livro para a confecção de maquetes, peças teatrais, máscaras de gesso e até um lustre chinês.

O livro *Ningum é inocente* em São Paulo, do escritor Ferréz, foi o livro escolhido para ser trabalhado pelo ensino médio. As atividades relacionaram literatura e música à arte do grafite, tudo dentro do contexto do livro, que trata de uma literatura marginal, vinda do morro. Segundo Alcione, foi possível

conhecer mais a fundo essa diferente forma de escrita. "A Jornadinha é um evento que incentiva muito a leitura entre as crianças e os jovens. Os alunos já trabalhavam com o projeto O Livro do Mês, mas com a Jornadinha, mergulham mais ainda no mundo da literatura. É visível o prazer e o aproveitamento que eles têm com essas atividades", conta Alcione Jordão.

Helena Sallott

A preparação para as ativida-

des da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura chegou também às salas de aula da escola municipal Helena Sallott, localizada no loteamento César Santos. Os alunos participaram de inúmeras atividades voltadas ao evento, com o principal objetivo de fomentar o prazer pela leitura. A biblioteca da escola foi reforçada com a ajuda da biblioteca infanto-juvenil do Mundo da Leitura, da Universidade de Passo Fundo, que emprestou diversos obras da Jornadinha, proporcionando aos alunos a leitura dos livros escritos pelos autores que conhecemos dentro de alguns dias.

Colégio Conceição

No Colégio Marista Conceição, a Pré-Jornadinha iniciou no dia 18 de abril com muita criatividade, os alunos se fantasiaram dos personagens dos livros. Ao longo do tempo, cada turma recebeu uma coleção de livros, a maioria de autores que estarão na Jornadinha, e as crianças fizeram a leitura das obras em voz alta. Na biblioteca infantil, a cada 15 dias, houve eventos, de acordo com os autores presen-

tes na Jornadinha.

Foram montadas peças de teatro, recitais de poesia, além de performances que tiveram como base o símbolo da Jornada, para que os alunos entendessem o que significava cada símbolo presente na imagem, já que todas as artes estão na representação, relacionando a isso também o estado da música tema da Jornada.

Nesses eventos, foram reunidos todos os alunos, de 1ª a 4ª série, e as histórias foram lidas e aprofundadas pelos alunos.

Além de literatura, os trabalhos também com a questão da natureza, aproveitando livros com esse enfoque. Há também a questão dos deficientes visuais, cujo tema os alunos encontraram em um livro de Elisete Gomes Lubbo, que possui uma parte toda em braile. Isso possibilitou aos nossos alunos o aprendizado dessa linguagem", conta a professora Maria Cândida.

Incentivo

Os professores trabalham com praticamente todos os livros dos autores que estarão

presentes na Jornadinha. "Desde a primeira Jornadinha, nós os levamos às crianças e isso faz com que elas vão crescendo e criando o hábito da leitura, pois esse incentivo é constante, de uma Jornada a outra. Mas esse fascínio exercido sobre eles, do encontro com os autores, incentiva ainda mais os alunos. É ótimo ver alguns alunos, durante o recreio, dedicando seu tempo à leitura, isso prova que eles realmente se apaixonam por esse mundo."

A 4ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo abordará o tema *Leitura da arte e arte da leitura*, destacando o valor da arte para a formação das pessoas e a natureza ativa e criadora da leitura. O evento terá a participação de grandes nomes da literatura infanto-juvenil, além de espetáculos musicais, teatrais e uma variedade programática.

A Jornadinha inicia no dia 28 de agosto e se estende até o dia 31, quando ocorreram também as atividades da 12ª Jornada Nacional de Literatura.



Jornadinha lota o Circo da Cultura

A abertura da programação, nessa terça-feira pela manhã, atraiu cerca de 3 mil pequenos leitores

FOTO: ZILBER & BOURN



Paulo Mendes
O segundo dia da 12ª Jornada Nacional de Literatura foi de festa com a abertura da 4ª Jornadinha, destinada a alunos de 1ª a 4ª séries. Na manhã de ontem, o Circo da Cultura foi lavado por cerca de 3 mil pequenos e barulheros leitores, que se divertiram com a apresentação do Galo-Letu e o espetáculo do grupo XPTD, de São Paulo. A coordenadora geral das Jornadas Literárias, Tânia Riboulet, deu as boas-vindas às crianças e apresentou a elas o giro da Jornadinha. "Hoje é o dia de comemorar o aniversário do escritor de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPA, Cláudio Bernadete Silveira Neto Nunes, disse que o número de crianças presentes faz acreditar que são o hoje e o futuro do mundo.

O escritor Zirado foi a ausência do primeiro dia da Jornadinha, mas o seu substituto, Sérgio Capporelli, não deixou por menos, conseguindo prender a atenção das crianças com suas histórias e poesias. Mário Piratá, auto-intitulado "brincadeira", contou histórias e ficou encantado com o calor humano que encontrou em Passo Fundo. O poeta fez em sua mala uma porção de objetos e poemas, que foram distribuídos para o aplaço e chocados com os leitores por meio de uma tira muitas gargalhadas das crianças. "São meus

recursos", explicou Mário Piratá. Vistão ao ambiente de computadores e computadores e computadores em quatro locas completaram o dia dos pequenos leitores. Os autores tiveram que responder a muitas perguntas sobre as obras e os autores, que São Paulo, em uma tarde chamada pré-jornada.

A discussão sobre a "Arte da leitura" foi realizada ontem à tarde, no palco dos debates da 12ª Jornada. Participaram o escritor cubano Benaldo Montero e o professor e editor José Castilho Marques Neto, secretário-geral do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Os debates foram em espanhol, como em edições anteriores, foram e aconteceram em Loyola Brainerd, Alcantara Araújo e Cláudio Luiz.

Ônibus levará leitura às comunidades

A Prefeitura de Passo Fundo vai inaugurar amanhã, dentro da programação da 12ª Jornada Nacional de Literatura, o Ônibus-Biblioteca, chamado "O Fabuloso", com a missão de levar livros aos leitores nos bairros, vilas e às comunidades do interior do município. Com 2 mil volumes, o veículo literário estacionado próximo ao Circo da Cultura, onde se desenvolve a programação, ficará disponível até o dia 31 de agosto. Para ser transformado em biblioteca, o ônibus foi adaptado e está sendo utilizado para o transporte coletivo urbano, passando por uma reforma e pintura. Os adesivos colocados no veículo foram criados pelos

professores e alunos da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo. Depois da jornada, o ônibus itinerará por ruas na zona urbana e área rural, buscando aproximar livros e leitores. A professora Jullia Assis Patussi, coordenadora da Universidade Popular da Secretaria de Educação, explica que, inicialmente, serão atendidas dez escolas da rede municipal. No próximo ano, o projeto abrangera 15 escolas municipais. Alunos, pais e professores poderão localizar o ônibus em um período de dez dias. A Secretaria de Educação fará reposição dos volumes na medida da procura.



Durante a Jornada, veículo ficará junto ao Circo da Cultura

Mia diz que recebeu influência do Brasil

Vencedor do prêmio de R\$ 100 mil deste ano, oferecido pela Jornada Nacional de Literatura, o mexicanista Mia Couto demonstrou seu otimismo ontem com o futuro das relações literárias entre Brasil e Moçambique. De acordo com o escritor, o Brasil tem profundo conhecimento sobre os países africanos de língua portuguesa. Criado em meio a guerra civil do seu país, Mia Couto viveu a experiência de guerras, deslocamentos, exílio e morte de familiares. O escritor português nasceu em Vila Verde, João Cabral de Melo Neto e Manoel de Barros, até 1975, fim do conflito, com a chegada da paz. Mia entendeu que a prosa seria o melhor caminho em meio àquela situação. Do Brasil, recebeu a influência literária de Guimarães Rosa, muito especialmente, e de músicos como Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil.



Autor ganhou prêmio Zilber & Bourn

O recorde da Jornadinha de Passo Fundo

INSCRIÇÕES PARA VERSÃO MIRIM DE JORNADA LITERÁRIA GAÚCHA SE ESGOTARAM EM 14 MINUTOS

A versão mirim da 12ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, que ocorrerá entre 28 e 31 de agosto no Rio Grande do Sul, virou um sucesso antes mesmo de ser lançada. A Jornadinha, que organiza a leitura de obras infantis feita pelos próprios autores em auditórios apinhados de crianças, esgotou em 14 minutos as inscrições para suas 12 mil vagas, quando foram abertas em junho. Um recorde, já que ano passado as inscrições demoraram 40 minutos para se esgotar. Em 2005, 3 mil estudantes ficaram sem vaga, restando apenas a participação nos outros eventos do concurso.

A edição deste ano contará com nomes como Marina Colasanti, Rubem Alves, José Roberto Torero, Ziraldo e Leticia Wierchowski, além de Spacca e Rubens Matuck – autores e ilustradores de infanto-juvenis.



SERVIÇO

4ª Jornadinha Nacional de Literatura
12ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo
De 28 a 31 de agosto, Universidade de Passo Fundo (RS)
www.jornadadeliteratura.upf.br





DMCULTURA



QUINTA-FEIRA, 30 AGOSTO 2007

Não pode ser vendido separadamente



CRIANÇAS CRIANÇAS CRIANÇAS CRIANÇAS

ELAS SABEM O QUE QUEREM

Uma multidão de crianças toma conta dos corredores em busca do contilato com seus escritores preferidos

MATEUS RODRIGHERO

matheus@editorialmaboa.net

Se você estiver no corredor e encontrar um grupo de crianças vindo em sua direção, não pense duas vezes: saia da frente, porque elas vão te ultrapassar. Impossível concorrente com a dinisita e a disposição delas quando elas querem algo. Elas sabem o que querem. E não se deixam enganar pelo principal, ou na sala de autógrafos. Você acabou de falar. Elas sabem o que querem, não se pode ignorá-las. Um autógrafo, uma foto ou apenas uma palavra. O que não se pode é ignorá-las. O poeta Mário Pinheiro sentiu na pele. Atraído para a sessão de autógrafos, passou várias vezes entre os estandes para falar com as crianças, que o reconheciam de longe. "Olha lá o Mário!"

que se multiplicar para atender mais de meia dúzia delas. "Olha, isso é o que mais encanta, eu me sinto cada vez mais jovem convivendo com essas crianças. Elas sabem o que querem e eu tenho que atender individualmente cada um dos jovens, o problema passou a ser a organização, que tentava, quase que inutilmente, atender a fila. Quem pode acompanhar uma turma de 20 crianças? Eu não sei. Já o professor Agnos Ferrão, que acompanhava uma turma de 23 crianças, não sabe dizer se conseguiu atender o grupo. Rodrigo, 8 anos, com uma porção de livros, chegou a fila e um autógrafo. Encarou a fila e chegou até o escritor. Ganhou o autógrafo e a atenção do ídolo,



A LARANJEIRA, 27. Foto: Eduardo Escobar/Agência de Notícias

mesmo que por apenas meio minuto. "É ótimo, confia nos jovens como o filho do país". Essa galera que está aqui é muito bom, eu queria muito um autógrafo do Mário e conseguir", concluiu. Para o poeta, isso é o que desperta o interesse: os adultos sabedores que se calam. "Aponta para quem quer participar da Jornada." A gente pode fazer isso aqui em todos os pontos de encontro com os escritores, quando ganharmos sua confiança, um pouco de controle. "Se você vai em todos, se abre em cada um dos escritores", completa.



Agnos Ferrão, professor de português do Colégio São João, em Curitiba. Foto: Paulo

Fórmula Nacional de Literatura

O hip hop no palco principal

Ferréz debate a identidade do Hip Hop nacional, crítica à cultura americana e ao Funk

No palco de debates da 12ª Jornada Nacional de Literatura grafiteiros trabalhavam em uma tela enquanto Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva), um dos mais respeitados autores da nova geração, falava sobre sua trajetória e o Hip Hop. Ele afirma que o Brasil conta com as melhores letras do estilo. "Temos uma ligação grande com movimentos sociais, diferentes dos outros estilos. Aqui as letras expressam a revolta e indignação porque a maioria dos Happers é de classe popular", disse. Ferréz afirma que o Hip Hop é o mecanismo de resistência ao sistema. "Há três camadas na vida de uma pessoa: ser pobre, rico ou criativo. No Hip Hop atuam os criativos", falou. Para ele a literatura deve ser feita para mudar a vida das pessoas. "As letras de Hip Hop apontam perspectivas para esta mudança", enfatizou.

Ferréz começou a escrever aos sete anos de idade, criando contos, versos, poemas e letras de música. Antes de se dedicar à escrita, trabalhou como balconista, vendedor de vassouras, auxiliar geral e arquiteto. Seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*, foi lançado em 1997, com patrocínio da empresa onde trabalhava. L-

"A melhor cultura em termos de letra musical é o Hip Hop brasileiro". Ferréz

► Obras

Ferréz é autor de *Fortaleza da Desilusão*, *Capão Pecado*, *Manual Prático do Ódio*, *Amambecor Emeraldia*, *Ningamê é Inocente* em São Paulo e *Inimigos Não Levam Flores*. Para ele a literatura funcionou como uma saída de energia. Filho de um mecânico e de uma empregada doméstica, ele cursava o terceiro colegial e trabalhava numa padaria. Quando ficou desempregado, vendeu o que tinha, reformou bares e ficou pareado de apartamento na Avenida Paulista.

► Trajetória

A participação de Ferréz em atividades artísticas, culturais e literárias é cada vez maior. Além de publicar livros, foi fundador da IDASUL, movimento que criou o próprio vestuário dos moradores do bairro, em 2000 começou a escrever mensalmente para a revista *Caros Amigos*, colunista do site *El Foco*, onde publica textos semanais sobre o cotidiano da periferia, colabora no site

No.com, criador do projeto, organizador e editor-chefe da revista *Literatura Marginal*, publicada em colaboração com a revista *Caros Amigos*. Criou o selo literário L.M., já escreveu matérias para jornais, participou em 2000 do livro *Notebook*, livro distribuído nos Estados Unidos e Europa. Já negociou os direitos de *Manual Prático do Ódio* para cinema, escreveu para a revista americana *Jungle Drum* número 14, o conto "O Plano", teve o conto "os inimigos não levam flores" adaptado para o programa *Fantástico da Rede Globo* de televisão, foi roteirista do programa *Cidade dos Homens* para a Rede Globo de televisão, no episódio *Hip-Sampa* Hop, organizou o livro *Literatura Marginal* (lançado em sociedade com a editora Agir e o selo L.M., destacando 10 autores da nova escrita periférica), foi convidado pelo FNUD para escrever

no relatório da ONU de 2005. No ano passado lançou "Os Inimigos Não Mandam Flores" revista em quadrinhos pela Editora Pódi.

Juliano Crivello de Oliveira, artista plástico passo-fundente, também participou do palco de debates na tarde de ontem. Ele que pertence a um grupo de grafiteiros da cidade, conta que periodicamente o grupo se reúne em praças para debater a realidade da cidade e sua relação com os jovens. Ele enfatizou a diferença entre Funk e o Hip e a necessidade de espaços dedicados ao trabalho em grafite. Em setembro o grupo realiza um seminário de juventude que vai discutir políticas públicas.

Tietagem na despedida

Última apresentação do AfroReggae, na manhã de sexta-feira, reuniu gritos, aplausos, subida ao palco e tietagem.



Foto: Armandi Moura/Agência de Notícias do Rio

Eles podem ter estranhado o frio do sul durante a semana, mas partiram com a vontade de voltar. A última apresentação do grupo carioca AfroReggae no Circo da Cultura da Fomada, na manhã de sexta-feira, foi o final perfeito para uma semana em que o grupo mostrou presença com batucada, dança e muita interação entre palco e plateia. "Foi muito bom, a gente sentiu um pouco de frio, não está acostumado, mas foi ótima essa

participação bonita, com um público animado", explicou, ao final da última apresentação - assistida por alunos do ensino médio durante a Jornada - Junior Alexandre da Silva, ostentando um sorriso sincero, envolvido por alunos que buscavam uma foto de recordação. "Se quero dizer, em nome do AfroReggae, que esses dias aqui foram uma maravilha, nada me dá. A gente espera voltar um dia."

Durante a apresentação, o grupo foi contagiado a platéia com o ritmo da batida nas latas e as incursões em meio às cadeiras. Quando chegou na última música, o convite para que alguns alunos subissem ao palco se transformou na deixa para que ele fosse invadido. Até tentaram dançar no ritmo, mas a experiência de ter subido ao palco e sentido a batida ao lado do grupo valeu mais do que a tentativa de acompanhar a dança. "Foi muito show, bem demais", comemoravam as estudantes Marina, Paola e Alessandra, abraçadas como se tivessem ganhado um prêmio. O prêmio, na verdade, para muitos dos alunos presentes na noite, veio ao final do show: a invasão do palco e de todo o espaço em torno dele, em busca de um autógrafo e uma foto. Obter foi até fácil, difícil foi conseguir tirar os membros do grupo do meio dos fãs. O Grupo Cultural AfroReggae surgiu no começo de 1993 a partir do jornal AfroReggae Notícias, veículo de informação que buscava valorizar e divulgar a cultura negra. Hoje, além da Banda AfroReggae, o grupo tem ainda outros 3 grupos musicais: Banda Makala Música e Dança, Afro Lata e Afro Samba - sem contar sub-grupos existentes em Vigário Geral, no Rio de Janeiro.



Jornadinha lota o Circo da Cultura

A abertura da programação, nessa terça-feira pela manhã, atraiu cerca de 3 mil pequenos leitores



Crianças ouviram histórias, participaram de brincadeira e encantaram os autores

Paulo Mendes

O segundo dia da 12ª Jornada Nacional de Literatura foi de festa com a abertura da 4ª Jornadinha, destinada a alunos de 1ª a 4ª séries. Na manhã de ontem, o Circo da Cultura foi invadido por cerca de 3 mil pequenos e barulhentos leitores, que se divertiram com a apresentação do Gato Galileu e o espetáculo do grupo XPTO, de São Paulo. A coordenadora-geral das Jornadas Literárias, Tânia F'sing, deu as boas-vindas às crianças e apresentou a elas o grito da Jornadinha: 'Eu sou leitor brasileiro com muito orgulho'. A vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários da UPF, Cléa Bernadete Silveira Netto Nunes, disse que o número de crianças presentes faz acreditar elas são o hoje e o futuro do mundo.

O escritor Ziraldo foi a ausência do primeiro dia da Jornadinha, mas o seu substituto Sérgio Capparelli não deixou por menos, conseguindo prender a atenção das crianças com suas histórias e poesias. Mário Pirata, auto-intitulado 'brincadeiro', contou histórias e ficou encantado com o calor humano que encontrou em Passo Fundo. O poeta leva em sua mala uma porção de objetos que usa quando está no palco como pandeiro, apito e chocalho com os quais prende a atenção e tira muitas gargalhadas das crianças. 'São meus tesouros', explica Mário Pirata. Visitação ao ambiente de computadores e conversa com escritores em quatro horas completaram o dia dos pequenos leitores. Os autores tiveram que responder a muitas perguntas sobre as suas obras, que são lidas desde março na chamada pré-jornadinha.

A discussão sobre a 'Arte da leitura' foi realizada ontem à tarde, no palco dos debates da 12ª Jornada, debaixo do lonão. Participaram o escritor cubano Reinaldo Montero e o professor e editor José Castilho Marques Neto, secretário-executivo do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Os mediadores dos debates deste ano, como em edições anteriores, foram os escritores Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo e Júlio Diniz.

Autor de várias obras de teatro, roteiros de cinema, prosa e poesia, Montero disse que 'ler é um estado de graça'. Castilho contou que começou a ter contato com literatura em 1972, na Faculdade de Filosofia da USP, onde ter contato com as letras era uma forma de driblar a ditadura militar. Depois, virou editor e professor.



Inscrições para Jornadinha acabam em 14 minutos

PublishNews

-

12/06/2007

As inscrições para a 4ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo abriram às 8h da manhã de segunda-feira. Instantes depois, às 8h14min, as 12 mil vagas oferecidas já haviam sido totalmente preenchidas. O tempo de inscrição foi recorde; na edição passada, as inscrições se esgotaram em 40 minutos. A organização do evento espera agora alocar as escolas que não conseguiram inscrever seus alunos nas atividades paralelas da Jornadinha. Em 2005, 3 mil estudantes ficaram sem vaga, mesmo assim participaram de vários eventos. O número deve crescer este ano. O evento acontece entre os dias 28 e 31/08 e é voltado aos alunos da rede pública e privada, sob a mesma organização da Jornada Nacional de Literatura Passo Fundo.

©2008 Galeno Amorim - Todos direitos reservados
Desenvolvido por RODMIDIA



O futuro também vai à Jornada

Aos sete anos, Meir Eduarda da Rocha dos Santos adora contos de princesas e enredos de reinos encantados. Nos últimos meses, a aluna da 2ª série da Escola Municipal Zeferino ZD Costi ampliou seu leque de histórias e aventuras literárias, através de livros recomendados pela organização da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura, que tem sua abertura oficial hoje, às 9h30min, no Circo da Cultura. Somente alunos de escolas previamente inscritas podem participar.

A previsão é a de que 12 mil estudantes do Ensino Fundamental e Médio de todo país participem da Jornadinha. Eles trabalharão e conheceram, em sala de aula, as obras e biografias de autores com os quais poderão ter contato a partir de hoje. As pré-jornadinhas transformaram as crianças de simples visitantes à condição de embaixados leitores. À sua maneira, é bem verdade. Mas não por isso menos críticos. Agora, irão expor suas idéias diretamente aos escritores.

Uma das principais organizadoras da 4ª Jornadinha, Eliana Teixeira verifica uma mudança significativa nesta edição em comparação com as anteriores:

- Este ano foi muito grande a procura de novas escolas e de regiões diferentes por vagas. Isso está ligado diretamente ao interesse dos alunos.



Sobre livros e chocolates

Escritor estrangeiro, sessões de autógrafos, palestras concorridas, certo. Todos esses são elementos característicos da Jornada, mas nenhum deles é tão visível - e ruidoso - quanto a legião de crianças que toma de assalto o campus da UPF carregando livros para cima e para baixo. No meio do corre-corre curioso da criançada pelo Circo da Cultura, é possível ver a intervalos aqui e ali grupos de alunos em visita à Jornadinha sentados na entrada dos pavilhões lendo com concentração admirável, dada a barulheira em torno.



Era exatamente o que fazia ontem pela manhã, defronte à caricatura que homenageia os destaques da Jornada, um grupo de alunos da 1ª série do Ensino Fundamental do Instituto Educacional de Passo Fundo. Sentadas em um degrau ou em pé, as crianças compartilhavam a leitura de *Como Nasceu a Alegria*, de Rubem Alves, e de exemplares de *Se Criança Governasse o Mundo*, de Marcelo Xavier. Encantadas com sua primeira experiência na Jornada, as meninas Sadyne Fasolo Dias e Chiara Enloft, ambas de seis anos, e Mariana Garcia Mesquita da Silva e Bianka Guzzo Luzzatto, de sete, estavam ansiosas para comentar as leituras recentes.

- Este é sobre uma flor que teve uma pétala rasgada - começa Mariana a falar sobre *Como Nasceu a Alegria*, e é logo interrompida por Bianka:

- É que ela é uma flor diferente, mas é feliz.

Já sobre *Se Criança Governasse o Mundo*, Chiara sabia direitinho o que faria se a governante fosse ela.

- Eu ia comer chocolate todo dia.

Sadyne responde o mesmo com um acréscimo.

- Eu ia comer chocolate todo dia e mandar todo mundo comer também.



A mágica jornada de Letícia

ZH acompanha a abertura da 4ª Jornadinha pelos olhos de uma menina

Na calada da madrugada, um pesadelo acordou Letícia. Deitada ao lado da mãe, envolta em cobertores que a protegiam da temperatura próxima aos 2°C, a menina de oito anos despertou angustiada, pensando que havia perdido um passeio aguardado havia meses. Ao ouvir a mãe e perceber que ainda era escuro lá fora, ela se tranqüilizou. Mas não mais conseguiu fechar os olhos. Às 8h30min, estava no ônibus que a levou, junto a dezenas de colegas, à 4ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo.

Antes mesmo de embarcar num dos coletivos que esperavam pelos estudantes de 1ª a 4ª série da Escola Municipal São Luiz Gonzaga, Letícia Gabriela Nogueira não continha a euforia. Pendurado no pescoço, o crachá de participante do evento literário infantil - aberto na manhã de ontem - ganhou status de jóia. No trajeto de pouco mais de 15 minutos entre a escola e o campus 1 da Universidade de Passo Fundo (UPF), muita gritaria, sorrisos nervosos e olhares atentos dos alunos, especialmente da menina. Aluna da 3ª série, fã de histórias com bichos, Letícia foi uma das primeiras a descer do ônibus. Ao chegar ao Circo da Cultura, surpreendeu-se com a grande quantidade de crianças: eram quase 3 mil pequenos leitores. Acomodada na arquibancada, ela não demorou a se soltar. A canção Caravana da Alegria - tema da Jornada e da Jornadinha, composta pelo professor do curso de Letras da UPF, Paulo Becker - caiu no gosto da criançada.

- É uma música muito divertida e legal pra dançar - diz Letícia.

Moradora da periferia de Passo Fundo, seu contato com livros e promoções culturais se resume à modesta biblioteca da escola e às esporádicas atividades realizadas pelos professores. De riso fácil e grandes olhos negros, tem uma espontaneidade contida. Brinca e conta histórias para as amigas, fica mais reservada na presença de estranhos ou de meninos da turma.

Ontem, ela entrou num universo à parte. Durante a manhã, a Jornadinha que Letícia viu foi uma confusão de crianças como ela, correndo, lendo, e reunidas à frente de autores como o animado poeta Mário Pirata.

Um dos convidados mais esperados, contudo, não veio. O cartunista Ziraldo ficou retido por um atraso de vôos. Seus pequenos fãs lamentavam a ausência gritando seu nome, como uma torcida de futebol. O cartunista mineiro foi substituído à altura, pelo também mineiro, embora radicado no Rio Grande do Sul, Sérgio Capparelli.

Após três horas bem aproveitadas, os alunos da São Luiz Gonzaga fizeram grande piquenique na calçada de acesso ao pórtico da Jornada. Numa pequena mochila, Letícia levou torrada, um pedaço de bolo, três chocolates Bis e uma garrafa de refrigerante, preenchida com água da torneira. Também ganhou cachorro-quente, antes de rumar para uma das quatro lonas secundárias onde houve conversas diretas com os escritores.

O sol ainda estava alto quando ela voltou ao ônibus. Deixou para trás o colorido das lonas e a vibração das músicas. Levou consigo o encantamento pela literatura:

- Me deu ainda mais vontade de ler um monte de livros. (cleber.bertoncello@zero-hora.com.br)



■ 4ª Jornadinha Nacional de Literatura

Bombeiros Mirins aprendem o poder e a arte d

Conhecer a leitura da arte e a arte da leitura também é atividade de um Bombeiro Mirim. Os adolescentes da ação social, desenvolvida em parceria entre a Congregação das Irmãs de Notre Dame, Semcas (Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social) e Corpo de Bombeiros, também participaram das atividades da 12ª Jornada Nacional de Literatura.

Integrante do projeto Bombeiro Mirim, Jean Peterson dos Santos, de 13 anos, conta que a Jornadinha fez com que ele descobrisse a importância dos livros e da cultura. "Aprendi que é importante ler e escrever sempre mais. Depois da Jornada vou buscar novas leituras", revelou o jovem.

Projeto

O projeto Bombeiro Mirim visa tirar das ruas crianças e



adolescentes que se encontram em situação de risco, proporcionar a absorção de conhecimentos de preservação da vida, valorizá-los, oportunizando o exercício da cidadania de forma digna e educativa como multiplicadores de informações, além de assegurar o ingresso, regresso, permanência e o sucesso escolar. A proposta tem

também o objetivo de responsabilizar os pais com o desenvolvimento integral dos filhos. Os adolescentes são oriundos de famílias de baixa renda comprovadamente matriculados nas escolas da rede pública municipal ou estadual cadastrados na Divisão da Criança do Adolescente da Semcas.



de aproximar para o espaço institucional da prefeitura instalado no evento, em frente à praça de alimentação.

Os alunos, acompanhados dos professores, recebem material informativo, o selo comemorativo aos 150 anos do município e se inteiraram das exposições. Entre as crianças que já passaram pelo espaço, estavam os estudantes das escolas Protásio Alves, Menino Jesus e Instituto Educacional. "É muito interessante, pois é um local de valorização, de resgate da memória e cultura passo-fundenses, do que é produzido aqui", enfatizou o professor da escola Menino Jesus, Roberto Sander.

Trabalhos de artistas locais, como a mostra fotográfica de Paulo Magro, a exposição Passo Fundo em retalhos e a exibição de vídeos institucionais fazem parte das atrações do estande. A organização é da administração municipal, através da Fundação Zoobotânica Cultural e de turismo Roselândia, com a parceria das secretarias municipais.



12ª Jornada

Nacional de Literatura de Passo Fundo

ZERO HORA – QUINTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2007

Yuri Flores Machado acertou primeiro o autor de ontem (Mia Couto). E hoje, quem será mais rápido no e-mail? O primeiro leitor a dizer de quem são as palavras ao lado ganha um exemplar do livro *O Único e Eterno Rei* – Volume 1: *A Espada na Pedra*, de T.H. White, sobre a lenda do Rei Arthur.

Envie e-mail para:
larissa.roso@zerohora.com.br

*Em Passo Fundo encontrei
amigos e boas leituras
E até um fantasma
que passou perto de mim
com cara de Mundo.*

Amanda e Luna, da Jornadinha para a Jornada



Elas são duas expressões vivas do maior propósito das jornadas literárias de Passo Fundo. Amigas e colegas, Amanda Valério Espíndola (*E na foto acima*) e Luna Dalla Rosa, ambas de 16 anos, participaram de três Jornadinhas e, este ano, acompanham pela primeira vez a jornada dos adultos. Extrovertidas, as alunas do 3º ano do Ensino Médio encontram no gosto pela literatura uma paixão mútua.

– Um livro é um refúgio para essa correria e esse monte de coisa que temos para fazer hoje em dia – diz Luna.

Com uma obra lida por mês, Amanda diz que a diferença básica entre a Jornadinha e a Jornada é que a segunda parte do interesse pessoal, e a primeira está ligada ao envolvimento da escola. A amiga destaca a importância do incentivo da família na formação de leitores.





Dados gerais da
4ª Jornada
Nacional de Literatura



Programação

28 e 29/08 – Alunos de 1ª a 4ª séries

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

Espetáculo de abertura – Direção de Osvaldo Gabrieli
(Grupo XPTO - SP)

9h20min

Contação de histórias com Mário Pirata

9h30min

Conversa com o escritor Ziraldo

10h30min

Show musical “Quem não dança balança a criança” –
Grupo Cuidado que Mancha

11h30min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente dos
computadores – sob a coordenação de Adriano Teixeira
(ao lado da Praça de Alimentação)

12h30min/13h45min

Atividades paralelas

14h

Conversa com escritores (em todas as lonas em siste-
ma de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Lia Zatz Marcelo Xavier Nereide Santa Rosa	Carla Caruso Kátia Canton Rubens Matuck	Elisa da Silva e Cunha Leo Cunha Márcio Vassallo	André Neves Elizete Lisboa Luciana Savaget

Contação de histórias com Mário Pirata e Celso Sisto
(durante o rodízio dos escritores)

16h30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro



30/08 – Alunos de 5ª a 8ª séries

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

Espetáculo de abertura – Direção de Osvaldo Gabrieli
(Grupo XPTO - SP)

9h20min

Performance com Mário Pirata

9h30min

Conversa com os escritores Marina Colasanti e Ziraldo

10h30min

Show musical – AfroReggae – Afro Lata e Makala - RJ

11h30min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente dos computadores – sob a coordenação de Adriano Teixeira (ao lado da Praça de Alimentação)

12h30min

A descoberta das Américas – Texto de Dario Fo. Direção de Alessandra Vannucci com Júlio Adrião (Prêmio Schell “Melhor Ator”)

14h

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Domingos Pellegrini Heloisa Prieto Luciana Savaget	Spacca Letícia Wierzchowski Roseli Ventrella	Elisa Lucinda José Roberto Torero Luís Dill	Nilma Lacerda Leusa Araújo Meshack Asare

Contação de histórias com Mário Pirata e Celso Sisto
(durante o rodízio dos escritores)

16h30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro



31/08

Alunos do ensino médio

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

Espetáculo de abertura – Direção de Osvaldo Gabrieli
(Grupo XPTO - SP)

9h20min

Performance com Mário Pirata

9h30min

Conversa com os escritores Marina Colasanti e Ferréz

10h30min

Show musical – AfroReggae – Afro Lata e Makala - RJ

11h30min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores, sob a coordenação de Adriano Teixeira - UPF (ao lado da Praça de Alimentação)

12h30min/13h45min

Atividades paralelas

14h

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Spacca Elisa Lucinda	José Roberto Torero Elisa da Silva e Cunha	Nilma Lacerda Santiago Nazarian	Dionisio Jacob Domingos Pellegrini

Contação de histórias com Mário Pirata e Celso Sisto
(durante o rodízio dos escritores)

16h30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro



Observações

O escritor Ziraldo não esteve presente no dia 28/8 pela manhã na lona principal. O escritor Sergio Capparelli participou da conserva com as crianças no dia 28/8 pela manhã na lona principal.

A escritora Nereide Santa Rosa não pode comparecer à 4ª Jornadinha Nacional de Literatura.

Programação paralela

Exposições

CENTRO DE EVENTOS – CAMPUS I - UPF

Rui de Oliveira “30 Anos de Ilustração de Livros” (Artista homenageado)

Ronaldo Fraga “Roupa é letra” (O poeta da moda brasileira)

Fotografias “A história de Passo Fundo no olhar de Deoclides Czamanski”

Exposição de projetos arquitetônicos e fotografias de espaços de leitura

Exposição “Ler é pra cima” – 15 anos da Editora Projeto

Exposição “A Salamanca do Jarau” – Sesc-RS

HALL DE ENTRADA DA BIBLIOTECA CENTRAL –
CAMPUS I - UPF

Exposição “As cidades imaginadas de Erico Verissimo”

MUSEU DE ARTES VISUAIS RUTH SCHNEIDER

Av. Brasil, nº 758 – Centro

Exposição Acervo do MAVRS

Baila Comigo, de Ruth Schneider



Feira do livro

CENTRO DE LAZER E CULTURA POPULAR –
CAMPUS I - UPF
Mercado Cultural do Livro

Conferências

22/08/2007 – 19h30min

Conferência com o estilista Ronaldo Fraga: “O uso da linguagem artística como adereço do vestuário”. Na oportunidade haverá um desfile de moda organizado pelos alunos do curso de Tecnologia em Produção de Vestuário da Universidade de Passo Fundo.

Local: Cento de Eventos – Campus I - UPF

27/08/2007 – 16h

Conferência “Como conquistar e manter sua independência financeira” – Gustavo Cerbasi

Local: Centro de Eventos – Campus I - UPF

28/08/2007 – 17h30min

Palestra com Ignácio de Loyola Brandão e Washington Novaes – Comemoração dos 25 anos do livro

Não verás país nenhum – Apoio: RGE-RS

Local: Centro de Eventos – Campus I - UPF

29/08/2007 – 9h

Gilson Grazziotin (Grupo Grazziotin S.A.):

“A arte do varejo: o pulo do gato está na compra”

Debatedor: Nino Machado - UPF

Local: Centro de Eventos – Campus I - UPF

30/08/2007 – 17h30min

Cultura polonesa em foco: Miroslaw Bujko (Polônia)
Recital de Tiago Halewicz – Amúsica polonesa: do romantismo de Chopin às vanguardas do pós-Segunda Guerra
Apresentação do grupo Jupem – Erechim - RS



Local: Teatro do Sesc – Av. Brasil, nº 30 – Centro
31/08/2007 – 10h

Conferência com Luiza Helena Trajano (Magazine Luiza): “Ética e liderança: condição para o sucesso nas vendas”

Local: Centro de Eventos – Campus I - UPF

Fotografias

Lambe-Lambe – o último lambe-lambe gaúcho: fotógrafo Varceli de Freitas Filho (POA)

Espetáculos musicais

CAMPUS I - UPF

29/08/2007 – 13h30min

Show – AfroReggae

Afro Lata e Makala - RJ

(ao lado do prédio da Gráfica UPF)

Espetáculos teatrais

CAMPUS I - UPF

28/8 e 31/8 - 13h30min – Till – Grupo Viramundos - UPF
(ao lado do prédio da Gráfica UPF)

Os invasores – Poesias ao pé do ouvido – Prêmio Palco Habitasul de Melhor Montagem 2006 (Durante todo o evento, no intervalo para o almoço – Campus I - UPF)

Mostra de filmes

28/08/2007 e 29/08/2007 – 16h

Iecine

Local: Biblioteca Central – Campus I - UPF

29/08/2007 – 14h40min



Mostra de cinema Petrobras

Local: Centro de Eventos – Campus I - UPF

30/08/2007 – 15h

Mostra de cinema Petrobras

Local: Centro de Eventos – Campus I - UPF

30/08/2007 – 17h45min

Apresentação do filme “Português: a língua do Brasil”

Direção: Nelson Pereira dos Santos

Movi & Art Produções Cinematográficas LTDA.

Maria Eugênia Stein – diretora do escritório de representação do Rio de Janeiro

Paulo Dantas: Diretor Geral

Local: Auditório da Biblioteca Central – Campus I - UPF



Conversas paralelas

Data	Horário	Escritor	Local	
28/08	14h30min	Sérgio Capparelli	Odontologia (auditório)	
28/08	16h	Rui de Oliveira	Central de Salas (sala 19)	
29/08	10h	Heloisa Prieto	Agronomia – H1 (auditório)	
29/08	14h30min	Caio Riter	IFCH (auditório)	
29/08	15h	Ziraldo	Shopping Bourbon	
29/08	17h30min	Rdré Neves	Agronomia – H1 (auditório)oseli Ventrella	Agronomia – H1 (auditório)
30/08	14h30min	An		
30/08	14h30min	Leo Cunha	IFCH (auditório)	
30/08	14h30min	Santiago Nazarian	Odontologia (auditório)	
30/08	15h	Márcio Vassallo	ICEG (auditório)	



Autores e obras indicados da 4^a Jornadinha Nacional de Literatura

André Neves	Menino chuva na rua do sol Mestre Vitalino Seca A caligrafia de dona Sofia Maria Mole	1 ^a a 4 ^a	Paulinas Paulus
Carla Caruso	A infância de Tarsila do Amaral	1 ^a a 4 ^a	Callis
Dionísio Jacob	A flauta mágica	Ensino médio	SM
Domingos Pellegrini	A árvore que dava dinheiro	5 ^a a 8 ^a e Ensino médio	Ática
Domingos Pellegrini	Negócios de família	5 ^a a 8 ^a e Ensino médio	Record
Domingos Pellegrini	Meninos no poder	Ensino médio	
Elisa da Silva e Cunha	A orquestra tintim por tintim	1 ^a a 4 ^a	Moderna
Elisa da Silva e Cunha	Em sintonia com a música	Ensino médio	
Elisa Lucinda	O órfão famoso Lili, a rainha das escolhas Menino inesperado A fúria da beleza	5 ^a a 8 ^a Ensino médio	Record
Elizete Gomes Lisboa	A bruxa mais velha do mundo Que será que a bruxa está lavando?	1 ^a a 4 ^a	Paulinas
Ferréz	Ninguém é inocente em São Paulo Manual prático do ódio	Ensino médio	Objetiva
Heloisa Prieto	O imperador amarelo: fábulas, lendas e ensinamentos dos antigos mestres chineses	5 ^a a 8 ^a	Moderna
José Roberto Torero	Nuno descobre o Brasil Naná descobre o céu Pequenos amores Xadrez, truco e outras guerras (Ira)	5 ^a a 8 ^a Ensino médio	Objetiva
Katia Canton	Trem da história: uma viagem pelo mundo da arte Moda: uma história para crianças	1 ^a a 4 ^a	Cia. das Letrinhas Cosac & Naify Atual
Leo Cunha	Pão e circo Pela estrada afora As pilhas fracas do tempo Na marca do pênalti Quase tudo na arca de Noé O menino que não mascava chichlé XXII!!! – 22 brincadeiras de linhas e letras O gato de estimação Clave de lua Era uma vez um reino de mentira A menina da varanda Macacão espantado Poemas avoados Poemas lambuzados	1 ^a a 4 ^a	Moderna Paulinas Record Salamandra Saraiva
Letícia Wierzchowski	O dragão de Wawel e outras lendas polonesas	5 ^a a 8 ^a	Record



Cont.

Leusa Araújo	Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo A cabeleira de Berenice	5ª a 8ª	Cosac & Naify SM
Lia Zatz	Tô com fome Dadá, bordando o cangaço Lasar Segall: o pintor de almas	1ª a 4ª	Biruta Callis
Luciana Savaget	Dadá, a mulher de Corisco O amor de Maria, a bonita O amor de Virgulino, Lampião Morrendo de Rir Operação resgate em Bagdá: a batalha do invisível Operação resgate na Jordânia	1ª a 4ª 5ª a 8ª	DCL Nova Fronteira
Luís Dill	O punhal de Jade	5ª a 8ª	SM
Marcelo Xavier	Tem de tudo nesta rua... Mitos: o folclore do mestre André Festas: o folclore do mestre André Se criança governasse o mundo... Asa de papel Credences e superstições O dia a dia de Dadá	1ª a 4ª	Formato
Márcio Vassallo	Valentina O menino da chuva no cabelo	1ª a 4ª	Global
Marina Colasanti	Uma idéia toda azul Doze reis e a moça no labirinto do vento 23 histórias de um viajante	5ª a 8ª Ensino médio	Global
Meshack Asare	O chamado do Sosu	5ª a 8ª	SM
Nilma Lacerda	Pena de ganso Cartas do São Francisco Não sou macaco Estrela-de-rabo e outras histórias doidas	Ensino médio 5ª a 8ª	DCL Global Nova Fronteira
Roseli Ventrella	Frans Krajcberg: arte e meio ambiente Alex Flemming: arte e história	5ª a 8ª	Moderna
Rubens Matuck	Árvores das cidades A Amazônia A caatinga O pantanal Nas asas da liberdade (ilustração)	1ª a 4ª	Biruta
Santiago Nazarian	Mastigando humanos Santô e os pais da aviação: a jornada de Santos Dumont e de outros homens que queriam voar Debret em viagem histórica e quadrinhesca ao Brasil	Ensino médio	Nova Fronteira
Spacca	O menino da lua O menino e seu amigo Menina Nina: duas razões para não chorar O livro de informática do menino maluquinho Os meninos morenos Um cantinho só pra mim (ilustração) Papo de sapato (ilustração) Ponto de vista (ilustração)	1ª a 4ª 5ª a 8ª 1ª a 4ª	Melhoramentos
Celso Sisto	Emburrado!		Paulus
Mário Pirata	O fazedor de balões		UPF Editora



Participantes da 4ª Jornadinha Nacional de Literatura

Na 4ª Jornadinha Nacional de Literatura registramos 12 202 inscritos entre crianças, adolescentes e professores. Foram 119 escolas inscritas e 630 os professores que acompanharam os seus alunos no Circo da Cultura.

Na programação paralela, oferecida para as escolas que não se inscreveram na 4ª Jornadinha, contabilizamos a presença de 28 escolas, totalizando 2 702 pessoas. Para estas escolas foram ofertadas a participação na lona principal pela manhã, as conversas paralelas com escritores, as sessões de autógrafos, os espetáculos teatrais, a visita às exposições, a Mostra de Cinema Petrobras, Mostra de Filmes - IECINE e a Feira do Livro.

Caderno de atividades

O Caderno de Atividades é uma publicação do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura e elaborado por professores e monitores. Foram distribuídos cinco mil exemplares do Caderno de Atividades para os professores usarem como subsídio, em sala de aula, nas atividades de Pré-Jornadinha com alunos e com a comunidade em geral.

A seguir transcrevemos alguns depoimentos de professores sobre o Caderno de Atividades:

“O Caderno de Atividades é um subsídio muito importante, pois além de auxiliar no trabalho do professor traz informações importantes sobre os autores.”

“As sugestões são excelentes, pois tornam o trabalho mais atrativo e podem ser usados durante todo o ano escolar.”



“O trabalho desenvolvido na Pré-Jornadinha foi inteiramente baseado na proposta do Caderno de Atividades, as ideias são interdisciplinares e originais.”

Escolas participantes

Escola	Município
E. E. E. Médio Barão Homem de Melo	Alto Alegre - RS
E. E. E. Fundamental Antônio João Zandoná	Barra Funda - RS
E. M. E. Fundamental Barra Funda	Barra Funda - RS
E. M. E. Fundamental José Clemente Pereira	Campinas do Sul - RS
Colégio Notre Dame Aparecida	Carazinho - RS
E. M. E. Fundamental Pedro Pasqualotto	Carazinho - RS
Colégio Sinodal Rui Barbosa	Carazinho - RS
E. M. E. Fundamental Presidente João Goulart	Carazinho - RS
E. E. E. Médio Ernesta Nunes	Carazinho - RS
E. M. E. Fundamental Emílio Carlos Linck	Chapada - RS
Instituto Estadual de Educação Júlia Billiard	Chapada - RS
Cendi - Centro de Ensino Nicácio Diniz	Chapecó - SC
E. M. E. Fundamental Thietro Antônio Pires	Charqueadas - RS
Cooperativa Educacional Magna	Concórdia - SC
Escola Básica Municipal Anna Zamarchi Coldebella	Concórdia - SC
Colégio Cenequista Dr. Júlio César Ribeiro Neves	Concórdia - SC
Grupo Escolar Municipal Maria Melânia Siqueira	Concórdia - SC
E. M. E. Fundamental Álvaro Rodrigues Leitão	Espumoso - RS
E. M. E. Fundamental Guerino Cavalli	Espumoso - RS
E. M. E. Fundamental Roberto Textor	Espumoso - RS
E. M. E. Fundamental Alexandre Tramontini	Espumoso - RS
E. M. E. Fundamental Santo Inácio	Esteio - RS
E. M. Caminhos do Aprender	Fagundes Varela - RS
E. E. E. Médio Campos Sales	Florianópolis - RS
E. M. E. Fundamental República da Colômbia	Gentil - RS
Colégio Santa Clara	Getúlio Vargas - RS
E. E. Médio Frei Galvão	Getúlio Vargas - RS
Colégio Estadual José Chiochetta	Guabiju - RS
Colégio Scalabrini	Guaporé - RS
E. E. E. Médio Bandeirantes	Guaporé - RS
E. E. E. Médio Frei Caneca	Guaporé - RS
Escola Adventista de Ensino Fundamental de Ijuí	Ijuí - RS
Colégio Evangélico Augusto Pestana	Ijuí - RS
E. E. E. Médio Joaquim José da Silva Xavier	Lagoa dos Três Cantos - RS
E. E. E. Médio Dr. Araby Augusto Nácul	Lagoa Vermelha - RS
Escola de Educação Especial Cantinho da Esperança - APAE	Lagoa Vermelha - RS
E. E. Médio Duque de Caxias - CECLEA	Lagoa Vermelha - RS
Colégio Rainha da Paz	Lagoa Vermelha - RS
E. E. E. Fundamental Duque de Caxias	Lagoa Vermelha - RS
E. M. E. Fundamental Prof. Muriam Piovesan de Lima	Machadinho - RS
E. M. Honorino Pereira Borges	Marau - RS
E. M. E. Fundamental Elpídio Fialho	Marau - RS
IESTA - Instituto Estadual Santo Tomas de Aquino	Marau - RS



Cont.

E. M. E. Fundamental Henrique Dias	Marau - RS
Colégio Gabriel Taborin	Marau - RS
Instituto de Educação Estadual Marcelino Ramos	Marcelino Ramos - RS
Escola Padre Leonel Franca	Mato Castelhano - RS
Colégio Estadual Alexandre de Gusmão	Montauri - RS
Colégio Notre Dame São José	Não-Me-Toque - RS
E. E. E. Fundamental Geny Vieira da Cunha	Não-Me-Toque - RS
E. E. E. Fundamental Adílio Daronchi	Nonoai - RS
E. E. E. Médio Antonio Mathias Anschau	Nova Boa Vista - RS
E. E. E. Fundamental Reinaldo Cherubini	Nova Prata - RS
E. M. E. Fundamental Ângela Pellegrini Paludo	Nova Prata - RS
E. E. E. Básica Luiza Formighieri	Paim Filho - RS
Instituto Estadual de Educação Borges do Canto	Palmeira das Missões - RS
Colégio Jesus Maria José	Palmeira das Missões - RS
E. E. E. Básica Palmeira das Missões	Palmeira das Missões - RS
Colégio Evangélico Panambi	Panambi - RS
E. M. E. Fundamental Bom Pastor	Panambi - RS
E. M. E. Fundamental Mateus Dal Pozzo	Parai - RS
Colégio Estadual Divino Mestre	Parai - RS
E. M. E. Fundamental São Lucas	Parai - RS
Apae - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais	Passo Fundo - RS
E. E. E. Médio General Prestes Guimarães	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Frederico Ferri	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Fredolino Chimango	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Jardim América	Passo Fundo - RS
E. M. E. São Luiz Gonzaga	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Wolmar Salton	Passo Fundo - RS
E. E. Fundamental St. Patrick	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Santo Antônio	Passo Fundo - RS
Instituto Educacional de Passo Fundo	Passo Fundo - RS
Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição	Passo Fundo - RS
Colégio Notre Dame	Passo Fundo - RS
E. E. Fundamental Círculo Operário	Passo Fundo - RS
E. E. Fundamental Menino Jesus - Notre Dame	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Irmã Maria Catarina	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Senador Pasqualini	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Fundação Educacional do Menor	Passo Fundo - RS
E. E. E. Fundamental Padre Paulo Jacques	Passo Fundo - RS
E. E. E. Médio Protásio Alves	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Professora Helena Salton	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Professor Arno Otto Kiehl	Passo Fundo - RS
E. E. E. M. Nicolau de Araújo Vergueiro	Passo Fundo - RS
Instituto Menino Deus	Passo Fundo - RS
SOCREBE	Passo Fundo - RS
Colégio Bom Conselho	Passo Fundo - RS
Centro de Ensino Médio Integrado - UPF	Passo Fundo - RS
Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Coronel Sebastião Rocha	Passo Fundo - RS
E. M. E. Fundamental Olavo Bilac	Pontão - RS
Centro Estadual de Formação de Prof. Gen. Flores da Cunha	Porto Alegre - RS
E. M. E. Fundamental Men de Sá	Ronda Alta - RS
E. E. E. Básica Alfredo Ferrari	Saldanha Marinho - RS



Cont.

Instituto Estadual de Educação Miguel Calmon	Salto do Jacui - RS
E. E. E. Médio Padre Aneto Bogni	Santo Antonio do Palma - RS
E. M. E. Fundamental Carlos Tarasconi	São Jorge - RS
E. E. E. Fundamental Dr. João Carlos Machado	Sarandi - RS
E. E. Fundamental. Criança Feliz	Sarandi - RS
E. E. E. Fundamental Sepé Tiaraju	Sarandi - RS
E. E. Médio Sarandi	Sarandi - RS
Colégio Estadual Carneiro de Campos	Serafina Correa - RS
E. E. E. Fundamental Santa Ana	Serafina Correia - RS
E. M. E. Fundamental João Antônio de Col	Sertão - RS
E. E. E. Médio Bandeirante	Sertão - RS
E. M. E. Fundamental Thomás dos Santos Leite	Soledade - RS
E. M. E. Fundamental João Batista	Soledade - RS
E. M. E. Fundamental Dr. Valdemar Rocha	Soledade - RS
Colégio Medianeira	Soledade -RS
E. M. E. Fundamental Giocondo Canali	Tapejara - RS
E. E. E. Médio Dionísio Lothário Chassot	Tapera - RS
Instituto Estadual de Educação Nossa Senhora Imaculada	Tapera - RS
E. M. E. Fundamental João Padilha do Nascimento	Três Passos - RS
E. E. E. Médio Gustavo Biazus	Tupanci do Sul - RS
Instituto Laura Vicuña	Uruguaiana - RS

